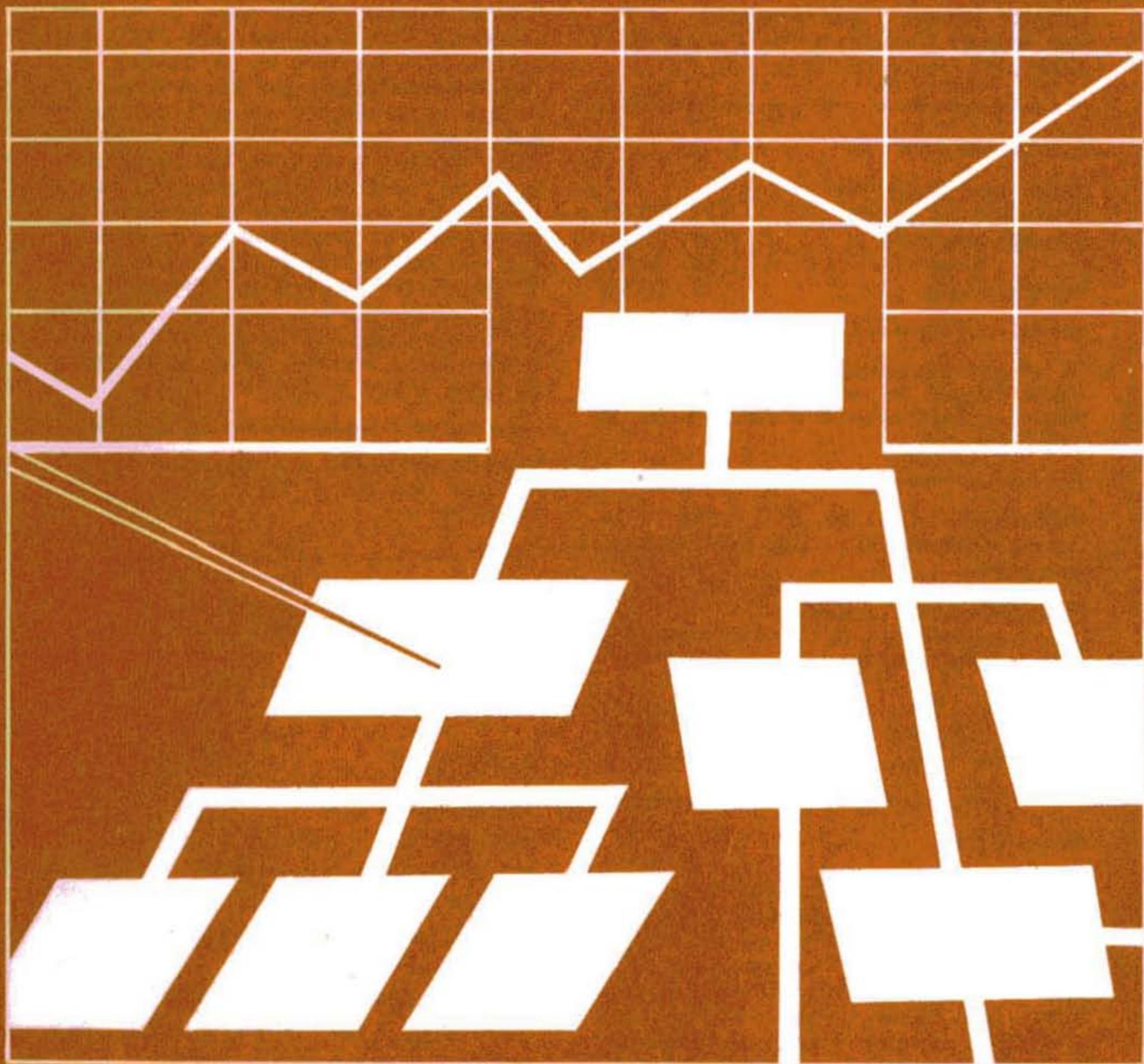


convergência

OUT — 1981 — ANO XVI — Nº 146



- **EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA RELIGIOSA HOJE**
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ — página 465
- **O CARISMA DOS FUNDADORES**
Pe. Jaime Sullivan, OMI — página 474
- **ATUALIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO**
Pe. Ildeu Pinto Coelho, CM — página 487

CONVERGÊNCIA

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:

Pe. Décio Batista Teixeira, SDB

Redator-Responsável:

Padre Marcos de Lima

Direção, Redação, Administração:

Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ.

Assinaturas para 1981:

Brasil, taxa única (via terrestre ou aérea)	Cr\$ 790,00
Exterior: marítima	US\$ 17,00
aérea	US\$ 25,00
Número avulso	Cr\$ 79,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivro S/C Ltda., Rua Correia Vasques, 25 — loja. 20211 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202. 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — 25600 Petrópolis — RJ.

Nossa Capa

O homem é um animal simbólico. Conhece também pelos **SINAIS**. Pelo sinal que vê, descobre o que não vê. Um SINAL indiferente, neutro, apático, ambíguo (como nossa capa) não diz nada a ninguém. Não significa. Não visibiliza nem pressupõe nem se vincula ao lastro de realidades que escapam à percepção sensorial. Sem critério teórico de configuração mental, o SINAL é vazio de conteúdo real. Destituído também da marca básica de referência com realidades imateriais, não tem elã e deixa a gente perplexo. Um contra-senso: SINAL que não sinaliza. Exatamente, o que **Você, Religioso e Religiosa**, não pode ser. Cada qual tem o seu projeto e o seu caminho. Cada caminho tem o seu

grau e o seu grão de inteligibilidade. Cabe a cada um escolher aquela mediação, que julga mais adequada, para traduzir, pela simples presença, o que leva em si de mais imponderável e típico: **SER O SINAL** de que Deus está agindo. Para perceber este mistério dos SINAIS e ver, assim, por dentro, exigem-se comunicação recíproca e amor mútuo. O que Você e **Convergência** tentam realizar nestes anos todos com relação à Vida Religiosa. Em 1981, sua revista **CONVERGÊNCIA**, a **Revista dos Religiosos do Brasil**, que vive a serviço de arraigadas convicções, vai ser um estímulo para que Você não ceda ao conformismo e perca de vista o reino do faz-de-conta de quem não dedicou ainda atenção perceptível à força proveniente da afinidade essencial entre as coisas mais transcendentais e o seu simbolismo. E se confirme: **SER SINAL** fundamentalmente inteligível pelo que Você é, pelo seu modo específico de ser. Como ao ser segue o agir, suas ações e Você mesmo, haverão de ser **sinais transparentes**. Mãos à obra.

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	449
INFORME DA CRB	451
EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA RELIGIOSA HOJE, Pe. Spencer Custódio Filho, SJ	465
O CARISMA DOS FUNDADORES, Pe. Jaime Sullivan, OMI	474
ATUALIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO, P. Ildeu P. Coelho, CM ..	487
MONSELHOR ROMERO: UMA EXIGENTE CONVERSÃO CRISTÃ, Juan Hernandez Pico	491
A DIMENSÃO DA FÉ A PARTIR DA OPÇÃO, Mons. Oscar Romero ...	499
CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL VOCACIONAL	503
DOIS DEPOIMENTOS	507

EDITORIAL

A Igreja Universal, durante o mês de outubro, chama a atenção dos fiéis, de um modo especial, para a dimensão missionária da vocação cristã. Ser cristão é fazer sua a causa de Jesus de Nazaré e participar de sua missão. Nos relatos evangélicos, sobretudo no Evangelho segundo São João, Jesus se apresenta como o consagrado e enviado do Pai e define a sua obra como um envio:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me ungiu para evangelizar os pobres e enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista; para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça do Senhor”, Lc 4, 18.

Como enviado, Jesus é a revelação do Pai e o conteúdo de sua mensagem é o REINO. A atenção constante ao Pai que o envia e ao povo, a quem é enviado, constituem dois pólos em torno dos quais gravita toda a sua obra messiânica. Precisamente por isto, a vida, os atos e as palavras de Jesus manifestam os princípios que regem o caminhar do Reino de Deus. Este Reino não é só um reino futuro. Aos discípulos de João que vinham perguntar se Ele era o Messias, o enviado, respondeu:

“Ide contar a João o que vistes e ouvistes: os cegos vêem; os coxos andam; os leprosos ficam

limpos; os surdos ouvem. Os mortos ressuscitam. A boa-nova é anunciada aos pobres”, Mt 11, 4-5.

O reino que Jesus inaugura e que se identifica com a sua missão não é, portanto, apenas uma utopia. É uma intervenção presente que modifica o mundo e que pode ser constatada nos eventos de libertação que opera.

A Vida Religiosa, como projeto de radicalidade evangélica no seguimento de Jesus, está chamada a uma forma singular de participação nesta sua missão: anunciar por seu mesmo ser e pelo modo de situar-se dentro do mundo, a realidade definitiva de Deus e de seu Reino e denunciar toda forma de fixismo e de absolutismo, bem como tudo aquilo que se opõe, em termos de injustiça e opressão, ao desígnio libertador de Deus para os homens. Como decorrência desta sua vocação, a Vida Religiosa está chamada também a ocupar na Igreja os postos de vanguarda evangelizadora, a fazer-se presente em todas as situações-limite da humanidade, onde o Reino é negado e seus ideais de justiça e de fraternidade conculcados pelo egoísmo e a opressão.

Tudo isto significa para a Vida Religiosa estar constantemente à escuta da realidade para servir aos homens em função do Reino, para revelar e impulsionar, com a

palavra e a entrega, o dinamismo deste mesmo Reino que atravessa a história dos povos. Significa também ser constantemente chamada à conversão, deixando-se interpelar pelo Espírito que a questiona e desinstala a partir dos outros: a partir dos pobres, dos injustiçados, dos jovens, dos que já não crêem, dos que têm fome e sede de justiça.

No serviço comprometido e no diálogo com o povo e com estes grupos, a Vida Religiosa irá aprendendo e, ao mesmo tempo, anunciando o Evangelho sempre novo de Jesus. Só com esta atitude humilde de abertura e de constante auto-crítica, poderá, em seu caminho solidário, com todo o povo de Deus, ser evangelizada e evangelizar, assumir o envio e participar efetivamente, como sacramento e sinal do Reino, da missão de Jesus, o consagrado e enviado do Pai.

No seio desta missão, o religioso experimenta Deus e esta experiência o re-lança para a missão. O mesmo Deus que lhe diz "Vem" e o consagra para a comunhão de vida consigo, lhe diz também "Vai" e o devolve a seus irmãos, para ser com eles e no meio deles um testemunho vivo do Absoluto de Deus, no seguimento histórico de Jesus de Nazaré.

Os elementos de reflexão que **Convergência** oferece aos religiosos neste mês querem ser um estímulo à vivência concreta e histórica da vocação-missão a serviço do Reino.

O artigo do **Pe. Spencer Custódio Filho, SJ**, "Experiência de Deus e seguimento na Vida Religiosa hoje", focaliza a Vida Religiosa nesta sua dimensão constitutiva e coloca em evidência o que significa formar para um projeto de vida articulado em torno ao pólo da experiência de Deus no seguimento de Jesus.

Pe. Jaime Sullivan, OMI, apresenta no seu artigo "O carisma dos fundadores", uma reflexão sobre o tema dos carismas fundacionais na Igreja, pondo em evidência a importância da responsabilidade comunitária na vivência do carisma através dos tempos.

A Congregação dos Padres da Missão e as Filhas da Caridade celebram este ano o 4º Centenário de São Vicente de Paulo. O artigo do **Pe. Ildeu Pinto Coelho, CM**, focaliza a figura deste insigne fundador.

O texto de **Juan Hernandez Pico**, "Monsenhor Romero, uma exigente conversão cristã", evoca a memória deste pastor que deu a vida pela sua grei. Segue-se ao artigo um dos discursos mais significativos pronunciados por Monsenhor Romero.

Em maio deste ano realizou-se em Roma o **II Congresso Internacional de Pastoral Vocacional**. **CONVERGÊNCIA** oferece a os seus Leitores uma breve notícia deste acontecimento significativo para a Vida Religiosa.

Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

INFORME

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

PEDIDO DE RELIGIOSOS, RELIGIOSAS, LEIGOS

Pe. Décio Teixeira,
DD. Presidente da CRB

Saudações em Cristo.

Como é sabido, foi criada a Diocese de Jardim, no Estado do Mato Grosso do Sul. E eu, fui transferido da diocese de Corumbá para a novel diocese de Jardim. Gostaria de fazer um pedido de ajuda de pessoal, isto é, que a CRB me ajudasse a encontrar elementos humanos para os seguintes ramos da Pastoral:

1. **Índios.** Temos na região entre as cidades de Miranda e Aquidauana 10.000 (dez mil) Índios Terena, semi-civilizados, em reservas do Governo. Nunca tiveram Missionários Católicos trabalhando diretamente com eles. Apenas as paróquias dão a assistência quando podem. No momento temos uma Irmã das Cônegas de Sto. Agostinho, e um casal do CIMI.

Gostaríamos de ter uma Congregação Religiosa masculina ou feminina para a assistência deles.

2. **Paróquias.** Precisamos criar duas novas paróquias em dois municípios: Bodoquena e Dois Irmãos. Já existem os prédios das igrejas, e numa já tem a casa paroquial.

3. **Congregações femininas.** Temos três paróquias com padres, que precisam de Irmãs para a Pastoral de Catequese e visita aos doentes. Em duas já existem casas prontas para as irmãs.

Aqui já trabalham: Redentoristas Americanos e Padres do PIME, e dois sacerdotes seculares. A diocese tem 68.905 km² e 154.858 habitantes, em onze distritos e 8 paróquias. As distâncias entre uma paróquia e outra é grande. É terra de missão. Gostaríamos de entrar em contato com alguma Congregação ou Ordem. Certo de que a CRB virá em nosso auxílio, enviamos orações e bênçãos.

Atenciosamente,

Dom Onofre Cândido Rosa, SDB
Bispo Diocesano
Caixa Postal, 41
79240 JARDIM — MS

PELAS REGIONAIS

REGIONAL DE BELO HORIZONTE, MG

Em nossos contatos do dia-a-dia, leigos com quem nos relacionamos e sobretudo jovens formandos nos abordem: O QUE É CRB? O QUE ELA FAZ?

DESDE QUANDO EXISTE? PARA QUÊ?
etc.

Mais do que uma estrutura, a CRB é um "espírito" de fraternidade eclesial que emerge na experiência de Vida Religiosa aberta entre Religiosos de di-

ferentes Congregações. Este espírito fraterno intercongregacional tem sua fonte na mesma VIDA DA IGREJA, da qual todos participamos, de uma maneira específica.

Sempre que Religiosos se unem para **PROMOVER e ANIMAR A VIDA RELIGIOSA**, bem como para **COORDENAR AS SUAS ATIVIDADES, A CRB ACONTECE**.

Tudo o que a CRB é e faz é obra de **"COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO"**. "A CRB é organismo de presença, serviço e apoio, dentro da Igreja do Brasil, para **PROMOVER e ANIMAR a VIDA RELIGIOSA**, e **COORDENAR** as atividades intercongregacionais, que a isto conduzem proporcionando subsídios de crescimento e renovação aos seus membros".

A CRB é uma VIDA. Não conseguimos defini-la. É como a Igreja: não a definimos, **VIVEMO-LA**.

Por isso, de nada adiantaria aos Religiosos da Leste II ou de todo o Brasil, estudar com afinco tudo o que diz respeito à CRB em sua rica trajetória. De nada adiantaria, se a isto se limitando, os Religiosos não se entregarem a esta **PROMOÇÃO e ANIMAÇÃO DA VIDA RELIGIOSA**, ali onde eles se encontram: Pastoral, Formação, Governo, Presença junto ao Povo nas periferias ou centros, na capital ou interior, na Igreja local de vanguarda ou de retaguarda.

Como a Igreja, a Vida Religiosa caminha hoje, numa linha muito mais vivencial que doutrinal. Aí está também o fato CRB.

Experimentemos a **ALEGRIA DE CONVIVER COM OS NOSSOS IRMÃOS** de outros carismas. Promovamos, juntos, nossa opção radical pelo Pai e pelos homens. Animemo-nos mutuamente nesta caminhada. Aceitemos alguma tarefa em vista do crescimento da Vida Religiosa. Acolhamos com disponibilidade aqueles

que já se dispuseram a prestar esse serviço aos irmãos.

Você é CRB enquanto visita uma Comunidade de outra Congregação, quando se interessa por ela. Você é CRB quando se considera irmão mais velho do noviço da Congregação. Quando se solidariza com os desafios e buscas enfrentados pela Congregação do outro. Quando experimenta que tanto a sua Congregação quanto a minha só têm sentido numa mesma dimensão eclesial de **SERVIÇO AO POVO**.

Como estrutura, a **CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL** já tem uma caminhada, uma experiência. Já aceitamos muito desafio: O Vaticano II, Medellín, Puebla, Visita do Papa ao Brasil. Aí continua ela para caminhar com a história, com o Povo. Fundada em nível nacional em 11 de fevereiro de 1954, por tempo indeterminado e com número ilimitado de sócios, vem prestando aos Religiosos o seu serviço.

Assumindo o objetivo de **PROMOVER e ANIMAR a Vida Religiosa no Brasil e COORDENAR** as atividades que visem este objetivo, a CRB se organizou em nível Nacional e Regional. Atinge, em nível Nacional, a um total de 50.000 religiosos (39.000 M. e 11.000 F.). A sede **nacional** da CRB está no Rio de Janeiro — Rua Alcindo Guanabara, 24 - 4º andar. A esta sede se filiam 15 **seções regionais**, cada qual com sua Diretoria e Executivo. Por sua vez, as seções regionais se subdividem em Núcleos Diocesanos. Esta estrutura visa um serviço mais eficiente à Vida Religiosa.

É para servir a cada Congregação e a cada Religioso que vocês da Leste II (Regional de Minas e Espírito Santo), têm, além da CRB Nacional, na Rua Espírito Santo, 1059 / 601 — Fone: (035)224-3605, aqui em Belo Horizonte, um serviço permanente de Promoção e Animação da Vida Religiosa e coordenação das atividades pertinentes a este

objetivo. Ali vocês encontram também toda segunda terça-feira do mês, (à tarde) e mais vezes, quando necessário, a Diretoria da nossa CRB Regional: Padre Falliero Bonci — Presidente; Fr. Célio de Oliveira Goulart — 1º Vice; Ir. Maria da Conceição Vieira de Rezende — 2ª Vice; Pe. João Duque dos Reis — Tesoureiro e Ir. Regilena Muniz Franco — Secretária.

Ainda mais perto de você, no seu núcleo ou setor de BH, está ao seu alcance a experiência da alegria de acolher seus irmãos e ajudá-los dentro da ANIMAÇÃO e PROMOÇÃO DA VIDA RELIGIOSA.

ISTO É CRB. A CRB É VOCÊ, SOU EU, MAS SOBRETUDO A CRB SOMOS NÓS ENQUANTO NOS CONSIDERARMOS DENTRO DA MESMA IGREJA, COMO CARISMA COMUM DADO PELO SENHOR AO SEU POVO.

Irmã Regilena Muniz, Prov. de Gap

Pastoral vocacional

Como fruto de um trabalho perseverante, há mais de cinco anos, temos hoje, em Belo Horizonte, uma pastoral vocacional organizada. Com esforços conjugados da CRB e Diocese, podemos hoje comunicar-lhe os seguintes serviços em prol das vocações religiosas e sacerdotais:

— RETIRO DE OPÇÃO DE VIDA nos dias 06 e 12 de julho próximo, sob a orientação do Padre Rigolim, SJ, a realizar-se na Vila Fátima.

— Lançamento de um MANUAL VOCACIONAL para o mês das vocações.

— Realização de encontros mensais para animação e acompanhamento de jovens vocacionados.

— Para outras e maiores informações, contamos com o trabalho eficiente de um SECRETARIADO, às ordens de todos que queiram se beneficiar desta PASTORAL VOCACIONAL, ou possam cooperar conosco neste serviço para a Igreja. Este Secretariado situa-se à Rua Espírito Santo, 1059, Edifício Pio XII, andar térreo, junto ao DAEC.

Irmã Rosa de Lima Pereira
Sagrado Coração de Maria

Esperança de sangue novo vivida e anunciada pelo Postulinter

Apresentando um dinamismo vibrante, 22 Congregações se reúnem com seus Postulantes, no segundo sábado de cada mês, no Colégio Imaculada Conceição, Rua da Bahia, 1.534 — BH, ultrapassando fronteiras, unindo forças, **Irmanando corações**, buscando discernimento. Iniciando a caminhada para a Vida Religiosa, os "75" jovens congregados pelo amor, se questionam e questionam os adultos e acontecimentos: Integração? Serviço? Confraternização? Justiça? Inserção? Consciência Crítica? Jesus Cristo? Engajamento Pastoral? Palavra de Deus? Vida Comunitária? Liturgia? Louvor?

Tentando clarificar as interrogações e expectativas do grupo, Formadores vão abrindo pistas, indicando com suas reflexões e palestras o **Sinal Verde** aberto para nós em cada encruzilhada da Vida. Para acertar o passo e caminhar adiante é necessário **COERÊNCIA, AUDÁCIA, INTERNALIZAÇÃO** de valores cristãos. E daí? A quem iremos? Aos caros amigos da Regional — Leste II um convite: "Vinde e Vede" o **POSTULINTER**, a alegria e **ESPERANÇA** do amanhã.

Um passo a mais

Com armas nas mãos, atitude de luta e de conquista, semblante aberto e destemido, lá se encontra o **NOVINTER**,

nas terças e quintas-feiras de cada semana, de 8:30 hs. às 11:00 hs. A Casa Provincial João XXIII, à Rua Santa Rita Durão, 885, é o Cenáculo acolhedor do jovem **batalhão** já no seu 9º ano de funcionamento.

O NOVINTER/81 é assumido por 28 Congregações num total de 82 noviços, presentes também os Formadores para planejamento, execução, acompanhamento e avaliação das atividades. Contando com a valiosa colaboração de religiosos integrados no trabalho de formação, está sendo desenvolvido, no 1º Semestre, o conteúdo programático:

FORMAÇÃO HUMANA. Autoconhecimento como embasamento a uma opção mais consciente para que o jovem seja capaz de perceber as motivações mais profundas de sua opção.

INICIAÇÃO À BÍBLIA. Buscando descobrir o fundamento bíblico da Vida Religiosa. Como irmãos que o Senhor chamou e reuniu, desfrutem oportunamente da alegria de passeios em conjunto como também de tempos de oração.

Deixando transparecer claro a realidade em que vivem, assim fala o NOVINTER: Partilhamos nossas buscas e descobertas. Enriquecemo-nos uns aos outros. Tornamo-nos mais irmãos nessa caminhada lado a lado. Constatamos nosso ideal comum: Jesus Cristo e seu Reino.

Classificamos a identidade original do Carisma de cada família religiosa e as riquezas da nossa individualidade pessoal com a qual podemos colaborar no Plano de Deus. Fraternalmente estudamos e refletimos, questionamos e descobrimos, nos conhecemos e nos revelamos, interiorizamos e rezamos.

Os jovens e a formação: JUNINTER

Estamos numa época muito difícil para nós, jovens. Já não nos é apresentada uma ou duas opções que devemos

assumir, influenciados principalmente pela educação. Hoje a pluralidade de opções é muito grande, as influências chegam de todas as partes e com muita violência. Nós, os jovens, muitas vezes sofremos de uma profunda angústia para assumir alguma opção e manter-nos nela. Mesmo assim somos considerados como a esperança do tempo presente para construir a história.

Nesta realidade procuramos nos reunir para discutir nossos problemas. Já temos sobre nós uma opção muito grande e desafiante: ser religioso, consagrado ao povo por Deus para construir um Reino de Amor e Paz, com base na responsabilidade.

Cientes da nossa opção queremos começar a construir a história construindo nossa formação. Sabemos que não temos todos os elementos necessários para forjar, nós mesmos, a nossa formação. Mas, acreditamos que é nosso dever ser sujeitos dela. Queremos que nos ouçam, que nos aceitem como pessoas responsáveis, queremos ver em nossas mãos a cruz da formação para podermos dar vida à construção do homem novo, crescer em liberdade consciente de nossos passos.

Sabemos que os religiosos têm mais experiência do que nós, sabemos que eles têm mais formação do que nós, sabemos que eles enxergam com mais amplitude. Sabemos isto e devemos aproveitar esta bagagem que ilumina nosso caminhar.

Por isto, desejamos ver os religiosos como acompanhantes de nosso caminhar. Vem caminhar conosco!! É isto que queremos, não queremos que eles estejam na frente pois podemos não os seguir, não queremos que eles fiquem atrás de nós pois podemos perdê-los, queremos que caminhem conosco, ao nosso lado. Assim, daremos luz uns aos outros, nos ajudaremos nos momentos difíceis, nos protegeremos nos momentos de guerra.

Somos conscientes da força renovadora e criadora que temos, sabemos que ela deve ser utilizada para fazer caminhar a sociedade. João Paulo II diz que "a Igreja é chamada a constante renovação de si mesma, isto é, a um incessante rejuvenescimento" (Alocução Juventude, 2. AAS LXXI). Pela nossa participação responsável poderemos ajudar a esta renovação da Igreja e de nossas congregações.

Necessitamos da confiança dos religiosos, que acreditem que falamos o que queremos fazer para atingir esta participação responsável. Convidamos a todos os religiosos a caminhar conosco para abrir uma esperança numa sociedade esmagada pela dor e pela pobreza.

Nesta linha estamos caminhando. Constatamos nestes dois anos de nova experiência que o nosso desejo é ter uma participação mais concreta em nossa formação, não uma participação de quem recebe, mas aquela de quem fabrica!

Santiago ... Aja Espil — Bethanamita.

Um alô aos formadores

Conscientes da árdua tarefa que lhes cabe na Igreja e em cada Congregação, os Formadores estiveram reunidos nos dias 21/02 e 27 e 28 de abril no Noviciado SS. Trindade — Belo Horizonte.

Tiveram como objetivos: 1. Rever o planejamento/81 para as etapas de Postulinter, Novinter e Juninter. 2. Refletir sobre os pressupostos básicos da formação. 3. Repensar a Formação hoje, incluindo os aspectos: Modificação cultural — Mundo, Igreja, Congregação. Discernimento da vocação. Acompanhamento. Formação para a oração.

Em regime de internato os formadores presentes nos encontros atingiram o número de 62, com participação muito

ativa e interessada. O grupo contou com a valiosa experiência do Padre Faliero Bonci, Presidente da CRB-BH, orientador do 1º encontro; do Padre José Antônio Netto, orientador do 2º. Após Avaliação, síntese e perspectivas, os participantes se despediram deixando a sugestão de se promover mais Cursos a médio e curto prazo, com maior duração, dentro do VER — JULGAR — AGIR.

Os Formadores continuam se interrogando: "Que desafios lança à Vida Religiosa o espírito de Puebla?"

Comunidades inseridas em meios populares. Prioridade do triênio 81/83

"A Inserção e a volta para o povo levarão a uma tomada de consciência histórica de um começo novo." Convidadas através dos Provinciais, compareceram ao Encontro de 28 e 29 de abril promovido pela CRB-BH, 26 religiosos de 14 Congregações diferentes. Foram dois dias de exuberantes experiências vividas, acolhidas e trocadas. Foi tudo bom, como é bom caminhar com o povo sofrido e suado.

Frel Francisco Van der Pool, PESQUISADOR DA RELIGIOSIDADE POPULAR foi o animador do 1º dia. Rica a experiência do Conferencista, ilustrando oportunamente suas colocações com material referente ao assunto, canto ao violão e bandeira do Divino. O dia foi descontraído e dinâmico.

Padre Faliero Bonci, Presidente da CRB-BH, orientou o 2º dia entremeando dados fundamentais para uma inserção positiva com material adequado e oportuno, dando margem aos apartes, perguntas e outras interferências. Tudo ótimo. Quem não foi lá perdeu.

Rica a troca de experiências frisando bem a importância capital do planejamento, revisão, vida fraterna, momentos

de oração e mais: escuta dos acontecimentos, atenção à vida da Igreja, critérios de discernimento, conhecimento das ideologias de opções políticas.

A inserção em meios populares traz desafios. Quem enfrenta assume os riscos. Ficou também o pedido para outros encontros mais longos. Abraços e Boa Viagem.

Núcleos Diocesanos

"Os religiosos revêem seu chamado". É urgente aprofundar os aspectos: Identidade da Vida Religiosa e diversificação de Carismas. Vida Religiosa como forma de VOCAÇÃO eclesial.

TILLARD, em seu livro "Chamado de Cristo e Chamados do Mundo", nos oferece um rico material de reflexão: "Inserção no mundo do trabalho. No Mundo... Mas não do mundo. No Mundo... O Evangelho". E mais:

"A raiz teológica do engajamento. Deus em um pobre. O Mundo impregnado com o Evangelho.

Risco pessoal e risco coletivo
Nova fisionomia à Vida Comunitária."

Atraídos e questionados por estas exigências, os religiosos dos diversos Núcleos Diocesanos, que integram a Regional Leste II, vem-se organizando em vista da maior **Participação e Comunhão**, através de encontros mensais ou bimestrais. Os ecos positivos estão chegando até nossas mãos, sendo publicada aqui uma síntese dos relatórios já recebidos:

Em sintonia com a **Diocese de S. Mateus, ES**, testemunhamos que os religiosos residentes nesta parcela da Igreja são muito felizes formando uma só família na caminhada em busca do Reino de Deus. Em S. Mateus, o objetivo principal é construir uma sociedade mais fraterna. Assim, são feitos Encontros de reflexão, estudo, planejamento e oração.

UBERABA também se anuncia próspera e feliz. A equipe coordenadora do Núcleo mantém com muita vitalidade os encontros mensais de formação permanente, refletindo sobre Vida Religiosa e Sagrada Escritura.

NOVIDADE: mantém um grupo intercongregacional para formação inicial, às quartas-feiras, das 14:00 às 17:00 horas. Os participantes são em número de 40 entre postulantes, noviços e junioristas de seis Congregações diferentes. Os assuntos propostos são Cristologia e Sagrada Escritura.

Pontos positivos apresentados: Entrosamento do Núcleo com o Bispo da Diocese. Participação dos religiosos sacerdotes na reunião da CRB. Constância nas reuniões.

GOVERNADOR VALADARES: inicia as atividades do ano "81", fazendo um retrospecto, tentando assimilar melhor as prioridades votadas na última Assembleia Regional em Belo Horizonte. A reflexão versou sobre: Educação Popular. Inserção em meios populares. Núcleos Diocesanos.

Foi programado o semestre e também a maneira de se conseguir endereços atualizados para arquivo da CRB-BH em 1981. Com muita prontidão já atualizaram seus endereços: Dioceses de Oliveira, Mariana, Uberaba, Governador Valadares, Paracatu, Campanha, São Mateus — ES, Araçuaí.

REGIONAL DE FORTALEZA, CE

Encontro dos Bispos com os Provinciais

O ENCONTRO contou com a presença dos Bispos do Ceará, vários Provinciais de Congregações masculinas e femininas, religiosos e religiosas. A Coordenação Geral esteve a cargo do Padre Marcelino, Subsecretário da CNBB para

o Regional do Ceará. As diretorias da CRB e AEC regionais participaram ativamente do Encontro.

1º dia: 6 de maio — Após as orações e apresentação de praxe, iniciaram-se os trabalhos em grupo. Equipes de oito. Perguntas a debater: Na caminhada pastoral do Regional e no relacionamento entre Bispos e Religiosos: **A.** Quais os pontos positivos existentes? **B.** Quais os pontos negativos existentes? **C.** Em que podemos trabalhar mais em conjunto?

A parte da tarde desse primeiro dia foi dedicada ao trabalho em grupo, sobre alguns pontos selecionados das respostas apresentadas pela manhã.

1º Grupo — Educação para a justiça.

2º Grupo — O acompanhamento das Experiências realizadas . . .

3º Grupo — Formação: ICRE — Casas de Formação — Seminário . . .

4º Grupo — Missão da Igreja do Ceará — a situação do povo pobre.

5º — Grupo — Espiritualidade dos Religiosos a partir da realidade local.

Parte da tarde e da noite foi preenchida com as respostas a esses questionamentos. Às 17,30 hs. houve uma confraternização, em torno da Eucaristia.

2º dia: 7 de maio — Após a oração da manhã orientada pela equipe de liturgia, os trabalhos tiveram prosseguimento. Em primeiro lugar, houve a apresentação da equipe que discutiu na véspera "educação para a justiça" — com boa participação do plenário. Após a merenda, a Irmã Teresinha (Dorotéia) presidente regional da AEC, apresentou o programa da Campanha da Fraternidade para 1982. Tema — Educação e Fraternidade. Lema — A VERDADE VOS LIBERTARÁ (Jo 8,32). O tema foi apresentado de acordo com o método VER — JULGAR — AGIR.

É um tema oportuno e carregado de desafios para a Igreja do Brasil e para os que se preocupam diretamente com o problema educacional: paroquial, oficial e sobretudo, religioso-particular. A síntese apresentada pela Irmã Teresinha será enviada aos interessados, com muita antecedência, de modo a que todos possam preparar-se para participar com eficácia, após séria reflexão, da C. F. 82.

A Eucaristia foi concelebrada às 11 horas por todos os Bispos presentes. Foi iniciada com uma marcha simbólica dos Bispos com os Religiosos em demanda da Casa do Senhor. Na parte da tarde, foi apresentado aos religiosos uma espécie de painel, sobre os seguintes assuntos:

1º — Desmembramento do Regional NE 1, por Dom Paulo Ponte, de Itaipoca.

2º — Visita Pastoral às Dioceses, para uma visão "in loco" dos problemas regionais — Dom Frágoso.

3º — Ação dos Coordenadores de Pastoral — por Mons. Oscar.

4º — Assembléia Regional dos Bispos — realizada em fevereiro/81 — Dom Pompeu.

5º — Pastoral e o povo à luz do Evangelho — Dom Aloísio Lorscheider.

No segundo momento da tarde, Dom Mauro, do Crato, apresentou um resumo substancial do ENCONTRO NACIONAL DAS CEBs, realizado em Itaici, S. Paulo, em abril de 1981. Em rápido resumo histórico, foi mostrado o início do movimento a partir de 1975, em Vitória, E. Santo: Era a Igreja que nascia com o povo.

Em 1976 houve um segundo Encontro, ainda em Vitória, ES. Tratou-se de organizar as bases das CEBs. O terceiro Encontro realizou-se em 1978, em São Paulo: Tema estudado — Igreja, povo que se liberta. O quarto Encontro, que seria também em S. Paulo, não se efe-

tuou. O quinto, agora apresentado, realizou-se em Itaipu, São Paulo, em abril de 81. Tema: Igreja que se organiza para a libertação.

Houve a participação de 19 regiões do Brasil, 71 Dioceses com a presença de 20 Bispos e dois Cardeais: Dom Aloisio e Dom Paulo Arns, de São Paulo.

O Encontro foi assessorado por Frei Leonardo Boff, Padre Carlos Mesters e outros peritos. Alguns assuntos abordados: Organização dos Sindicatos — Visão política dos partidos — participação política — O bem-comum — O problema da terra e outros muitos, de interesse do povo, que quer e deve ter — voz e vez — na vida política, social e religiosa da nação.

O próximo Encontro das CEBs, ficou marcado para julho de 83, em Fortaleza. O Encontro encerrou-se com a oração da tarde (Tempo Presente). Foi um Encontro verdadeiro dos Pastores com o seu povo, em que todos se comprometeram a continuar juntos trabalhando pela implantação do Reino de Deus.

Irmão Alberto

Dia dos Vocacionados

Aos 03 de maio pp. realizou-se no Ginásio S. Vicente (Antônio Bezerra) o dia para os Vocacionados. O Encontro foi planejado pela Equipe de Pastoral Vocacional e constou da seguinte programação: 8.00 hs. — Chegada. Muita explosão de alegria e cantos acompanhados por instrumentos... A Irmã Maria Veleda fez o acolhimento e a oração inicial. A apresentação da temática foi feita pelo seminarista Pedro Gotardo, que continuou a dinamizar o dia. Os participantes nos surpreenderam com o grande comparecimento (quase 200).

A apresentação foi feita por um representante de cada grupo. Em seguida houve um levantamento da realidade por

um trabalho em grupos. Após o Plenário com bastante participação, o Irmão Luís Sampaio expôs o tema do dia, que versou sobre os Diversos Serviços da Igreja, focalizando o papel do leigo, do religioso e do sacerdote.

Seguiu-se o intervalo para o almoço (cada um levou o seu farnel) não faltando o entrosamento entre os grupos. Às 14 horas, as atividades foram retomadas, sendo entrevistadas duas jovens engajadas, uma religiosa, e um sacerdote.

Apesar dos questionamentos terem sido previstos, tudo na realidade, brotou espontaneamente da parte dos jovens, que muito "exploraram" cada entrevistado. O Padre Gilson nos deu a honra de sua presença; idem o Pe. Paulo Turley, presidente da CRB Regional. Este aproveitou a oportunidade para dar melhor esclarecimento sobre a situação da Irlanda do Norte.

Após a merenda, preparamo-nos para a Eucaristia, sendo a mesma precedida de um pequeno momento de "deserto" (interiorização). O Pe. Giovanni foi o oficiante e apresentou, em nome da Equipe, aos Padres Lazaristas, a gratidão, por terem colocado à disposição do Grupo, a Casa que ofereceu ótimas condições para a realização dos trabalhos do dia.

Pelas 17 horas, o Grupo partiu alegre e muito feliz. "O SENHOR É BOM — ETERNO É O SEU AMOR".

Irmã Marla Veleda,
(Cenáculo)

Reunião dos promotores vocacionais

No dia 24 de abril pp., realizou-se mais uma Reunião dos Promotores Vocacionais. Após a oração, que foi dirigida pela Irmã Teresinha, houve a apre-

sentação da nova equipe assim constituída: Padre Giovanni (salesiano); Ir. Terezinha (Mensageira de Maria); Pedro Gotardo (Seminarista Lazarista); Irmã Margarida Alacoque e Ir. Maria Veleda Saraiva Leão (Cenáculo). Houve a participação de umas 25 pessoas, incluindo-se o Padre Paulo Turley e o Padre Gilson.

A Irmã Maria Veleda apresentou a pauta do dia, comentando a mensagem de João Paulo II para o DIA MUNDIAL DE ORAÇÃO PELAS VOCAÇÕES. Apresentou também a programação para o dia 03 de maio: Encontro dos Vocacionados.

A segunda parte constou de uma visão de conjunto dos trabalhos a serem realizados na Arquidiocese para o Dia Mundial de Oração pelas Vocações. Sobre a mensagem do Papa destacou-se a responsabilidade que cada um tem nesse trabalho, em prol das Vocações, sem esquecer as famílias e os educadores. Enfatizou-se também o exemplo que se deve dar, em transparecer a alegria de consagrados, de tal sorte que se leve o jovem a descobrir o gosto de servir a Igreja.

Viu-se também que a mensagem do Papa é cheia de otimismo, ressaltando que os jovens nesses últimos tempos, respondem com crescente generosidade. O planejamento para o dia dos Vocacionados (03 de maio) foi coordenado pelo Padre Giovanni, que pediu a colaboração de todos os presentes. O Encontro previsto, realizar-se-á no Ginásio São Vicente em Antônio Bezerra.

Na segunda parte coube ao Padre Gilson nos falar sobre o dia 10 de maio. Ele afirmou que o primeiro passo para surgimento de vocações, será através da oração... Que cada comunidade procure fazer algo nesse sentido e que a coincidência com o Dia das Mães não venha suplantiar esse acontecimento de tão grande importância para a Igreja.

Religiosas participam da Semana das Comunicações

O encontro das religiosas da Arquidiocese de Fortaleza realizou-se dia 31 de maio, solenidade da Ascensão do Senhor, XV Dia Mundial das Comunicações Sociais. A dinâmica deste dia esteve a cargo das Irmãs Paulinas, que promoveram, com a Arquidiocese e a Paróquia São Vicente, a 8ª Semana das Comunicações sociais desta cidade.

A manhã do encontro foi organizada dentro do espírito do Dia Mundial das Comunicações Sociais, cujo tema era "As comunicações Sociais a serviço da liberdade responsável dos homens" e contou com a participação de, aproximadamente, 200 religiosas. Inicialmente foi feita a oração da manhã participada, usando também a "Oração do Comunicador", distribuída aos participantes.

A Palestra foi proferida pelo Pe. Atílio Hartmann, SJ, de S. Paulo, que estava participando da Semana. O Padre jornalista desenvolveu o tema: "A Igreja e os Meios de Comunicação Social". Depois de falar sobre a história da comunicação na Igreja, sua atitude de medo perante os MCS, mencionou os Papas que abriram as portas para estes meios: Pio XI com a inauguração da Rádio Vaticano, a primeira entrevista de um Papa em TV, Pio XII em 1949 e das diversas Encíclicas papais sobre os diversos meios de comunicação, até o Vaticano II, que deu a grande abertura neste campo com o decreto "Inter Mirifica".

O palestrista falou também da caminhada feita pela Igreja na América Latina, citando o Congresso L. de Santa Inês, Peru — 1966, que incluí o aspecto profético dos MCS. Depois, os capítulos sobre comunicação dos documentos de Medellín e Puebla até as palavras de João Paulo II em Porto Alegre e Salvador onde falou do tema "Comunicação". Em Porto Alegre ele disse: "É

preciso agir nos MCS e, ao mesmo tempo, educar para o uso destes instrumentos. Construiremos a Igreja à medida que soubermos trabalhar neste campo”.

Pe. Atílio ainda falou da falta de consciência, que as próprias pessoas da Igreja têm da comunicação, não valorizando este trabalho que é elemento básico em toda a tarefa da evangelização. Citou o documento do último encontro da UCLAP, associação que congrega comunicadores católicos de imprensa a nível latino-americano, realizado em Belo Horizonte em maio/81.

Pe. Atílio terminou sua palestra numa atitude de esperança. Esperança profética e desafio diante dos riscos, citando uma frase de D. Aloísio "...entre não fazer por medo de errar e fazer, arriscando não acertar, eu prefiro o risco". Após a palestra houve espaço para perguntas e cafezinho. O último ato do encontro foi a celebração eucarística, presidida pelo Pe. Atílio com a participação de todas as religiosas e do cantor Antônio Cardoso, das Edições Paulinas, que também estava participando da Semana das Comunicações Sociais.

Irmã Antonieta

REGIONAL DE SALVADOR, BA

A primeira atividade dos Religiosos em Salvador, este ano, foi o Seminário de aprofundamento das Irmãs que atuam diretamente nas Paróquias. O Tema escolhido: "EVANGELIZAÇÃO E COMUNIDADES ECLESIAIS DE BASE", realizado em Itapoã, de 1º a 6 de fevereiro.

Em março realizou-se o primeiro encontro geral dos setores de Salvador no qual foi apresentada a "CARTA DO SANTO PADRE AOS BISPOS". A Equipe da Pastoral de Saúde de Salvador tratou do tema "como dar assistência espiritual aos doentes". Neste mês o Novi-

ciado Intercongregacional deu início às suas atividades com o "Curso de Consciência crítica" (1º volume do Pe. Libânio).

No dia 15 houve o encontro de Superiores Maiores com a participação do Bispo auxiliar Dom Tomás que relatou algo do encontro dos Bispos em Itaici. O apelo que foi feito diz respeito ao "Ministério de Coordenação". Ficou combinado que, para o próximo encontro, seria aprofundado o assunto do "Carisma e a inserção na Igreja local".

Também as Coordenadoras de Comunidades se reuniram no Colégio Vieira para o seu primeiro encontro. Foi tratado o assunto: "Educação e Pastoral no Colégio" pelo Pe. Guy Ruffier. Foi nesta ocasião que duas irmãs se comprometeram para uma Reflexão da Vida Religiosa na Educação, constituindo-se o GRE.

Enfim, a última atividade foi a dos formadores que se encontraram nos dias 30 e 31, em Mar Grande. O grupo se organizou por áreas: Pastoral Vocacional, Postulantado, Noviciado, Juniorado, Encontros e Cursos. Foi resolvido o aprofundamento do livro: "Comunicação e crescimento pessoal".

Questões abertas: Critérios de admissão e demissão do Noviciado. Levantamento das dificuldades na formação: Acompanhamento, afetividade e vida sexual.

Fatos significativos do mês

— A presença numerosa dos Superiores Maiores no primeiro encontro e como o assunto tratado os interessou.

— O início do Grupo de Reflexão sobre Educação (GRE), qual centelha de esperança.

— A participação de todos os formadores: 6 Congregações masculinas e 15 femininas.

O mês de abril se iniciou com o Curso do Noviciado Intercongregacional (1 até 30) que tratou da Teologia da Vida Religiosa (Fundamentação e História), e, posteriormente o voto de pobreza. Nos dias 21/23, em Itaparica, realizou-se o segundo encontro da Pastoral da Terra para Religiosos. Baseado no encontro de 1980, foram tratados os seguintes assuntos: Conjuntura atual Problemas de terra. Sindicatos. Tiveram uma orientação quanto às desapropriações.

Em seguida ao encontro da CPT realizou-se o encontro dos NÚCLEOS DIOCESANOS DA CRB. Faltou a representação de dois núcleos. Desenvolveram-se dois temas como incentivo ao estudo da realidade dos núcleos e como temas a serem repensados: "AS POSSÍVEIS EXIGÊNCIAS DO ESPÍRITO DO SENHOR NO HOJE DA INSERÇÃO RELIGIOSA — NO HOJE DA INSERÇÃO ECLESIAL". O encontro inspirou o tema da próxima Assembléia Regional de setembro: **MISÃO E INSERÇÃO**.

Fato significativo do mês. Apontamos o encontro dos Núcleos pelo número de participantes (34), mas particularmente pela reflexão sobre a realidade da vida religiosa nas pequenas comunidades de Base.

No mês de maio continuaram os cursos do Noviciado Intercongregacional (de 2 a 30), aprofundando os votos de Castidade e Obediência. A ação do Secretariado foi a de visitar as novas casas de formação: PP. Oblatos, Capuchinhos e Redentoristas, assim como duas comunidades da Ilha de Itaparica, e o setor de Brotas. Tais visitas "às bases" são de grande importância.

De 18 a 22 realizou-se o encontro do Projeto Igrejas Irmãs, em Mar Grande. O "Projeto" foi reconfirmado por mais cinco anos, em 5 dioceses desta Regional. A agenda do encontro: Igreja em nossa realidade; o que estamos fazendo; o que converge e diverge da realidade; outros assuntos...

Fato significativo do mês

— O Secretariado visitando as Bases estabelece contatos humanos preciosos.

— O "Projeto Igrejas Irmãs" é visto positivamente: as Congregações do Projeto tendem a assumir o trabalho "como Congregação".

REGIONAL DE SÃO PAULO, SP

Núcleo de Jaboticabal

No dia 05 de abril, na residência das Religiosas de Santo André, em Jaboticabal, as Religiosas da Diocese se reuniram para um Dia de Oração com início às 09:00 hs. e terminando às 16:30 hs.

Ir. Beatriz Ferraz do Canto, do Secretariado da CRB-SP, esteve presente e, antes de iniciar a reflexão, informou sobre as Atividades do Secretariado, ressaltando alguns pontos das Atividades — 81.

As Propostas da Assembléia da CRB-SP em 1980, o Encontro dos Coordenadores de Núcleos — realizado em Itapicirica da Serra, de 27 a 29/03, e a aplicação do "Projeto de interiorização" na Província eclesiástica de Ribeirão Preto, foram colocados como pontos motivadores à participação nas atividades propostas pelo Núcleo à Província Eclesiástica.

A seguir o Monsenhor Luís, Vigário de Monte Alto, fez uma reflexão sobre o tema: "MENSAGEM DE FÁTIMA", lembrando às presentes: a devoção a Nossa Senhora, "nossa Mãe e Modelo de Fidelidade ao Senhor".

Com a recitação do Offício das Vésperas, da OTP, encerrou-se o Encontro que teve, durante o dia, momentos para reflexão individual e, às 14:30 hs. a Celebração Eucarística.

Núcleo de Bauru

Religiosas de várias Congregações da Diocese de Bauru, num total de 46, estiveram reunidas no dia 05 de abril de 1981, para um Encontro de Reflexão sobre o tema: "A MENSAGEM DE LIBERTAÇÃO DO MAGNIFICAT". O explicitador foi o Pe. Fernando Cano-Manuel Abarzuza, SM, que fez suas colocações a partir de seu conhecimento, sua vivência e experiência pessoal de Deus e de Maria Santíssima.

A partir de uma introdução ao tema, levou os presentes a uma reflexão sobre o "Deus de nossos pais" = "O Deus das montanhas, O Inatingível", situando-o, depois no contexto do Novo Testamento, em que Maria traz o Deus de Jesus Cristo. O Deus que, tendo outrora falado aos nossos pais, revelou-se, por meio de Seu Filho, aos pobres, querendo ficar no coração do pobre.

Após a palestra do Pe. Fernando, houve a comunicação por parte de Ir. Ângela Sbríssia, ASCJ, Coordenadora dos Religiosos pela Província Eclesiástica de Botucatu, informando sobre o Encontro dos Coordenadores de núcleos, transcorrido nos dias 27, 28 e 29 de março, em Itapeverica da Serra — SP.

A Ir. Elza colocando os resultados dos Questionários enviados às Casas Religiosas no ano passado, fez notar que só 40% foram respondidas, impossibilitando uma análise mais profunda dos dados coletados. O encerramento do Encontro deu-se com a Celebração Eucarística presidida pelo Pe. José Jonas da Silva.

Núcleo de Bragança Paulista

Conforme o cronograma das Atividades do núcleo de Religiosos, no dia 22/03, as Religiosas da Diocese de Bragança Paulista estiveram reunidas no Colégio Sagrado Coração de Jesus, para um dia de reflexão. Eram 40 representantes de 10 comunidades religiosas. O

Louvor da Manhã, ficou a cargo de uma religiosa do PIME. Em seguida, comunicações, entrega do Projeto-81 e sugestões para o Dia de Lazer. Surgiu ainda a idéia de uma Peregrinação a Aparecida do Norte, ficando decidido que no dia 24/05, o Encontro marcado, seria acerca da Virgem Aparecida.

O explicitador do dia foi o Fr. Constandio Nogara, OFM, que desenvolveu o tema: "COMUNHÃO E PARTICIPAÇÃO", que questionou a todas sobre o VIVER a Comunhão e Participação em nível de América Latina, Brasil, Igreja Particular e Congregação. Ficaram ainda os textos para reflexão pessoal e comunitária: Ef 4, 3-6 e At 3, 42.

Pe. Pelayo Palácios, OSA, presidiu a Celebração Eucarística de encerramento.

Campinas em oração

De várias Congregações, os Religiosos da Arquidiocese de Campinas se reuniram em oração, no dia 21 de abril, na Casa de Retiros das irmãs Franciscanas do Coração de Maria. Três momentos marcaram o Encontro:

1º) **A palavra do Pastor**, Dom Gilberto Pereira Lopes, que, expondo o Plano de Pastoral da Arquidiocese, demonstrou interesse e confiança no trabalho dos Religiosos na Igreja local.

2º) **A oração**: sob a orientação do Coordenador do Núcleo, Pe. Paulo Lisboa, SJ, abordando o tema: "A transformação Pascal Libertadora". Alguns destaques: "A transformação que marcou gerações, leva o povo de Deus a voltar-se para Aquele que o pode fazer mais livre. Puebla diz: — 'a Ressurreição de Cristo é sinal e penhor da ressurreição a que estamos chamados...' voltemos os olhos para o clamor de libertação e redenção de todos os homens".

3º) **Comunicações**: Pe. José Vieira de Lima — T.O.R. — Coordenador do Setor Itapira, relatou o processo de subdivisão do Núcleo, em Setores. Ir. Ana Agostin

— das Filhas de Sant'Ana, apresentou a síntese do Seminário Nacional sobre a Saúde, realizado no Rio de Janeiro.

A culminância do dia foi a Eucaristia, que congrega e unifica a todos. Revigorados pelo Corpo do Senhor, os Religiosos se empenham em **viver a Eucaristia, ser Eucaristia** no dia a dia, comprometidos que estão com a transformação e libertação de todos os irmãos.

Regiões Episcopais de São Paulo e a vida religiosa

Para dar continuidade ao trabalho realizado no Encontro de Coordenadores de Núcleo, em Itapeverica da Serra, nos dias 27, 28 e 29/03, os coordenadores das Regiões Episcopais de São Paulo, reunidos na Sede da CRB, com o Secretário Executivo trocaram idéias sobre a animação da Vida Religiosa. Primeiramente foi feita uma avaliação por parte dos membros participantes do referido Encontro, no mês de março.

Encontro positivo, conteúdo rico, trabalho sério e empenhativo, ambiente descontraído, amigo, fraterno... — foram algumas de suas considerações. Uma coordenação geral — em âmbito de Arquidiocese, foi sugerida, para liberar Irmã Beatriz Ferraz do Canto, CSJ — coordenadora dos núcleos, a um trabalho mais diretamente com o Interior. A idéia foi aceita.

O grupo de Coordenadores das Regiões se propôs a uma reunião bimestral, para troca de experiências na linha das prioridades. A próxima reunião foi marcada para o dia 15 de junho, às 14 hs., na sede da CRB. Foi feita uma avaliação sobre os folhetos "MOMENTOS DE ENCONTRO", quanto à sua aceitação e distribuição. São bem aceitos e apreciados. São distribuídos nas reuniões ou pelo Correio.

Religiosos de várias Dioceses se encontram

No dia 1º de maio, em Marília, no Seminário São Vicente, a partir das 10 horas, tivemos a Reunião dos Coordenadores de Núcleos da Província Eclesiástica de Botucatu, com o objetivo de estudar as realidades das Dioceses mais próximas. Irmã Beatriz Ferraz do Canto, do Secretariado da CRB esteve coordenando essa reunião. Foram levantadas algumas dificuldades em termos de animação e participação dos Religiosos(as) nas atividades programadas pelos Núcleos e Província Eclesiástica.

Como conclusão, as Coordenadoras dos Núcleos, pedem aos Provinciais e Coordenadores de Comunidades que procurem incentivar seus religiosos a participarem, ajudando-os, assim, à Formação Permanente.

Programação em nível de Província Eclesiástica

— 1º, 02 e 03 de maio — Encontro internúcleos em Marília (já realizado) — 12 a 18 de junho — Retiro Intercongregacional — Juniorato Intercongregacional.

Em nível de Núcleo: Além dos Encontros com Religiosos da Diocese, realizar um específico para Coordenadores de Comunidades. Ainda no dia 1º/05, à tarde, chegavam Irmãs de todas as Dioceses da Província para o Encontro Internúcleos, que teria início naquele mesmo dia, com término dia 03. Eram em número de 35. O tema apresentado foi: "Vida Religiosa e o processo de Formação, no Libertar para a Comunhão e Participação".

Tivemos como explicitador Pe. José Belmiro de Melo Filho, Provincial da Congregação do Verbo Divino. Após a apresentação do tema em duas partes, o Pe. José Belmiro deu aos grupos o trabalho da terceira parte, sobre a Formação.

As sugestões foram apresentadas em papelógrafos e estudadas em plenário. O Encontro Internúcleos foi encerrado com uma revisão sobre nossa vida de consagrados — rito penitencial e a Eucaristia.

Formadores unidos

Dando prosseguimento ao "Projeto de Interiorização" (atividades no Interior de São Paulo), os formadores das Dioceses que compõem a Província Eclesiástica de Botucatu se reuniram para concretizar o Projeto do Juniorato Inter-Congregacional. Estavam presentes 27 formadores, Professores convidados e o Secretário Executivo da CRB-SP e Ir. Beatriz F. do Canto, dos Núcleos do Estado. Após sério estudo, levantamento das prioridades das Congregações, realidade das Junioristas, concluiu-se que o Juniorato seria dado em forma de Curso, havendo acompanhamento por parte das Congregações.

Quando se realizará o primeiro Encontro? 31/07 a 02/08. Onde? Lucélia — Casa das Irmãs de São José de Cluny. Previsão 02 Encontros no ano de 81. Irmã Ângela Sbríssia, ASCJ — Coordenadora da Província Eclesiástica, coordenará a Equipe do Juniorato Intercongregacional.

Coordenadores dos núcleos da Província Eclesiástica de Ribeirão Preto

O Secretário Executivo, Pe. Joviano de Lima Júnior, SSS, e Ir. Beatriz F. do Canto, CSJ, estiveram reunidos com as Coordenadoras dos Núcleos que compõem a Província Eclesiástica de Ribeirão Preto. O objetivo desse Encontro era fazer o levantamento do questioná-

rio enviado a todas as Dioceses da Província sobre o "PROJETO DE INTERIO-RIZAÇÃO". Deseja descentralização? O que descentralizar? Qual o fato mais significativo? Quase a totalidade das respostas foi a favor da descentralização. O que descentralizar? As áreas de atividades mais solicitadas, por ordem de prioridade, foram: 1) Pastoral Vocacional; 2) Saúde. 3) Evangelização; 4) Reciclagem da Vida Religiosa.

Como conclusão: ficou determinado que se daria continuidade ao Seminário de Saúde realizado em outubro/81. Pensou-se num curso de Liturgia para Religiosos em Ribeirão Preto abrindo-se para a Província.

Ainda em Ribeirão Preto — "RELIGIOSIDADE POPULAR" promoção do SEARP entrosar a CRB. Procurar unir atividades AEC com CRB.

Em Barretos — Haverá curso de CEB's para a Diocese. Solicitar ao Bispo, abrir para a Província Eclesiástica.

Na Província Eclesiástica de Ribeirão Preto ficou decidido caminhar por atividades partindo de uma reflexão concreta. Apresentada a síntese do questionário aos Religiosos dos Núcleos para sua conscientização da realidade local. Elaborar um Relatório da caminhada da Província a partir do Encontro de março para ser apresentado na Assembléia CRB-81.

Para a montagem do Relatório e preparação do Internúcleos haverá uma reunião dia 29 de agosto, com a presença da Ir. Beatriz.

Internúcleos — dias 25 a 27 de setembro de 1981 no Seminário Arquidiocesano de Brodosqui.

Ir. Beatriz F. do Canto

EXPERIÊNCIA DE DEUS NA VIDA RELIGIOSA HOJE

O superior não é o administrador, implementador de planos e projetos. É, porém, o servo corajoso e incômodo, que provoca e dá unidade à busca da vontade de Deus segundo o carisma expresso na experiência básica do fundador.

Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Rio de Janeiro, RJ

1. Introdução a modo de fábula Ou, a bom entendedor meia palavra basta

Conta-se de uma família cuja bisavó viveu até os 110 anos. Monumento histórico, foro de união, a brava velhinha continuou mesmo após o seu passamento a ser ponto de encontro dos familiares e, ano atrás ano, realizava-se a reunião do clã presidida pelo retrato em tamanho maior da falecida. Tradições bem brasileiras conduziram ao inevitável. Numa dessas singelas comemorações, empurrado por mãos adultas (sempre sábias para estas coisas) adiantou-se um dos pequenos bisnetos para afixar uma simples homenagem à bisavó: uma florzinha de prata então a adornar o retrato vigilante sobre o móvel. Desnecessário dizer-se que já no encontro seguinte (e nos sucessivos) placas e adereços competitivos foram cobrin-

do a imagem da falecida a tal ponto que, anos depois, já não se conseguia distinguir-lhe as feições. Os traços da bisavó tornaram-se mistério e objeto das interpretações as mais variadas (teria bigode? perguntavam até alguns dos desrespeitosos menores...) Por fim, numa assembléia familiar decidiu-se partir em busca do essencial, tentar uma vez mais revelar a face escondida pelos acréscimos do tempo. Mas, o que retirar em primeiro lugar: a **minha** flor de prata, ou a **sua** plaquinha?... E a discórdia imperou uma vez mais, esquecendo-se as pessoas daquela que estava debaixo de tudo que haviam acrescentado com tanto carinho: a sorridente bisavó...

Penso não ser injusto afirmar-se que o debate sobre vida religiosa, e mais particularmente os reflexos na vida concreta e na formação, trazem muito dessa pequenina fábula

relatada acima. Quanta energia tem sido perdida, impasses surgiram, desânimo de tantos concretizou-se no abandono "da vinha do Senhor", talvez pela falta de visão do essencial ou, pior ainda, pela luta em torno do acessório. Um defeito de ótica que levou a afirmar uma oposição de "conservadores" e "progressistas", de natureza ideológica, quando na realidade seria muito mais uma questão de deficientes experiências espirituais.

Desta reflexão inicial decorre o próprio caminho que pretendemos percorrer neste pequeno artigo, de natureza não técnica, e que se propõe tão só a suscitar uma outra forma de interrogar o presente e o passado para que eles nos revelem o futuro. Basicamente procuraremos demonstrar que a vida religiosa surgiu como uma das formas possíveis de resposta ao apelo do Senhor, tendo como característica fundamental a vinculação ao martírio, expresso através dos votos religiosos de pobreza, obediência e castidade.

2. O que a história nos ensina

Não nos interessa, é evidente, reunir aqui todos os dados informativos sobre a história da vida religiosa. Além de ultrapassar em muito os limites de nosso trabalho, é um tema ainda hoje pouco pesquisado, principalmente pela pequena documentação disponível no que toca às origens. O que pretendemos, num breve esforço, é observar as linhas de força da idéia de uma vida religiosa tal como vivida por aqueles que a história e a tradição guardaram.

Na fase inicial, que se convencionou chamar "ascetismo cristão", pessoas buscam o seguimento de Jesus movidos quer por razões de ordem missionária, quer de ordem escatológica. A forma de vida que assumem, entretanto, não tem nenhum "status" específico dentro da Igreja.

É o período das perseguições, todavia, que prepara imediatamente a eclosão das primeiras formas de vida religiosa. Contrariamente ao que estamos acostumados a imaginar, até metade do séc. III é relativamente exíguo o número de mártires, bem como são esporádicas as perseguições. O momento privilegiado para a confissão da fé diante de qualquer pressão, e até mesmo selá-la com sangue, encontra-se sobretudo com Décio (249) e Diocleciano (284-305). Aí floresce o testemunho do martírio de inumeráveis homens e mulheres que, a nível pessoal, arriscam tudo o que têm e são pela fidelidade ao Evangelho do Senhor Jesus.

Com a Paz Constantina de 313, instala-se sorrateiramente no cristianismo ainda infante uma forte tibieza. É época do arianismo, começam dissensões entre Ocidente e Oriente, bispos são exilados por envolvimento político, a hipercultura de então invade e altera a escala de valores vivida pela cristandade primitiva. O novo testemunho, o novo martírio que se apresenta aos que preferem um seguimento característico de Jesus vai ser, então, o afastar-se, o tornar-se solitário (monacós). Daí que seja o monaquismo a forma inicial adotada no antigo Egito por Paulo de Tebas, Antão,

entre outros. É fundamentalmente uma experiência de **leigos**, desvinculada da estrutura eclesiástica, e que rapidamente começa a atrair seguidores que habitam vizinhos ao monge cuja fama os seduz. Reuniões periódicas para celebrar a liturgia, refeições comunitárias eventuais, natural ascendência de um sobre os demais, provoca o passo seguinte que é a constituição de uma forma de vida em comum, ainda sem regras e estabilidade. Dois aspectos destacam esses primeiros condutores da vida religiosa: a cura dos enfermos e o trabalho como guia de almas; a atenção com o homem todo e com todos os homens...

Cerca do ano 320 firma-se a tendência de institucionalização através da fundação da Tebaida, por Pacômio, primeira forma de vida comunitária organizada (cenobita). Na sequência firma-se a estrutura básica de uma vila murada, com pequenas moradias para seus membros mais um lugar comum para a oração, refeitório, cozinha e oficina de trabalhos. A vida em grupo traz consigo a necessidade de regras, e o processo de institucionalização próprio de toda união maior de pessoas vai lentamente reorientando as intuições primeiras de Pacômio. O sucesso é estrondoso, milhares de pessoas refugiam-se na tranqüila segurança sócio-econômica oferecida, a dimensão externa vai sendo perdida diante de uma crescente espiritualidade de orientação mística em que a vida religiosa é centrada na pessoa mesma. Curiosamente a preocupação de Pacômio com a pobreza vê realizar-se o fortalecimento econômico dos mosteiros, o início da acumulação de bens que vai levar à constituição

de imensos patrimônios no transcorrer das idades seguintes.

Em terra grega, com Basílio, um novo elemento vai ser acrescentado: a obediência, no sentido de renúncia à própria vontade, servindo para dar caráter mais estável à vida comunitária e permitir uma vinculação de serviço à igreja local, idéias que vão se acentuar posteriormente com Agostinho. É a partir daqui que surge a clericalização da vida religiosa, particularmente porque os ramos femininos são ainda em número quase insignificante.

O período seguinte, denominado por alguns autores "séculos beneditinos" (540-1050), porque marcados pela influência maior de Bento, vai ver a vida religiosa considerada como um modo de viver que não se dirige a um pequeno rebanho, mas que se destina à maioria dos cristãos. Há a busca de universalização de uma estrutura histórica e particular que, entre outros problemas, vai apresentar a vida religiosa como algo "mais perfeito", "mais radical", do que outras respostas aos apelos de Deus.

Três figuras vão provocar forte mudança na caminhada da vida religiosa nos séculos seguintes. Brevemente pode-se dizer que com Francisco renova-se a intuição de que as estruturas estão subordinadas à perfeição do Evangelho, e devem ser simplificadas na dimensão de liberdade dos filhos de Deus. Domingos, cerca de 1200 também, retoma o tema da fusão da vida em comum com a vida em missão. Finalmente, com Inácio de Loyola, propõe-se claramente a **subordinação** da vida em comum ao serviço apostólico e mis-

sionário. As evoluções posteriores, e particularmente a vida mais recente da Igreja, com o Vaticano II, Medellín, Puebla, situaram de forma meridiana a vida religiosa segundo um referencial absoluto que é o seguimento de Jesus a partir dos mais pobres. Há uma transferência de centro, um des-centrar-se a vida religiosa da preocupação com a santidade pessoal, para uma forma de vida que se constrói a partir dos outros.

Deste esboço histórico podemos agora sintetizar algumas observações:

1) Não há vinculação histórica imediata das primitivas formas de vida religiosa como algo querido ou fundado por Jesus Cristo.

2) A vida religiosa surge fora dos quadros institucionais da Igreja primitiva, resultante da experiência espiritual que fazem pessoas concretas do seguimento de Jesus.

3) Essa experiência espiritual, partilhada por outras pessoas, leva à formação de grupos abertos ao serviço das comunidades, particularmente de seu membros mais frágeis.

4) Os votos não se colocam na essência mesma dessas formas mais primitivas, mas surgem historicamente como condição, como meio para se dar uma resposta mais perfeita a apelos concretos do Senhor. É isso que, em diversos momentos, permite a diferentes fundadores acentuarem preferência mais por um voto do que por outro.

5) No seu conjunto a vida religiosa não é tanto um sistema de meios para a santificação pessoal de

seus membros, mas a resposta histórica a uma vocação (e, portanto, característica apenas de pessoas determinadas) que se coloca em pé de igualdade com outras dentro da Igreja universal.

6) O que a caracteriza de forma mais decisiva é uma preferência de fim, na consecução do qual é indispensável uma liberdade visceral (e por isso se fazem os votos) que vai até a possibilidade de martírio.

3. Experiência de Deus e seguimento

Dizíamos acima que foi a resposta histórica a uma determinada experiência espiritual que marcou sempre o aparecimento e o desenvolvimento das diversas formas de vida religiosa. Observamos também que essas experiências e respostas deram-se dentro de instituições sociais que, por sua natureza mesma, reagiram (e reagem) diante da novidade trazida. Toda instituição, por sua característica de estabilizador social, é instrumento de implantação e continuidade de uma dada ordem, percebida a partir da opção por um determinado absoluto. Daí que seja necessário, inicialmente, refletirmos sobre a percepção desse absoluto pelas instituições.

3.1. Instituição e Mudança

No transcorrer da história do ser humano, o processo de institucionalização e estratificação social deu-se pelo estabelecimento de **relações de dominação** entre aqueles que, na sua origem, eram iguais. Por razões as mais diversas, alguns vão percebendo que a forma de dominar os de-

mais implica na retenção para uns poucos do patrimônio comum: dos bens, do conhecimento, do poder político. É assim que, nas sociedades primitivas, o saber é próprio de grupos geralmente ligados à atividade religiosa, que se transforma nos grandes conselheiros das pessoas e dos governantes, iluminados que antevêm o futuro e explicam o presente. Em muitos lugares de nosso interior ainda é assim a figura do pároco local...! O poder político e a posse dos bens e meios de produção, numa etapa inicial são concentrados na pessoa do chefe. Mais tarde, com o desenvolvimento da atividade comercial, a divisão do trabalho social, vão dissociar-se, embora percebam todos que é necessário o entendimento mútuo para que continuem com sua parcela de dominação.

A técnica de dominação é simples, abrangendo de um lado a limitação do número daqueles que podem ter acesso aos bens, ao saber e ao poder, e de outro a criação de esperanças nos que estão à margem de, em dado momento, terem possibilidade de ascender na escala social. Tendo presente o caso brasileiro, é interessante observar, entre outros sinais, o descaso durante séculos pela educação, ao mesmo tempo que se incentiva — particularmente para a classe média — a esperança de vir a ter um novo e mais amplo lugar social através de cursos universitários absolutamente inúteis. Ou a utilização de mecanismos como a loteria esportiva e outros concursos de apostas para as camadas mais sofridas da população que passam a ter um fator de milagre que instantaneamente transforme sua condição bá-

sica de ser dominado. E até mesmo a utilização da religião como uma promessa de vida futura compensando a submissão do estado de injustiça presente.

Toda instituição tende a permanecer, isto é, ela toma todas as medidas possíveis para a continuidade da relação que mantém e dos valores e interesses que representa. Três notas características marcam essa opção: a busca constante da segurança, para o que se criam **ritos burocráticos**, normalmente repetitivos de um **passado**, desabrochando em uma estrutura de **dominação**. Tal esquema é observável quer em grandes estruturas sociais, quer em menores. No âmbito do Estado, é interessante como a própria doutrina de segurança nacional, elevada à categoria de absoluto, multiplica os ritos burocráticos (a pletora de leis com que convivemos) garantindo um passado dito "acidental e cristão". Ou o acontecido em muitos conventos, após a desestruturação seguinte ao Concílio, onde o desaparecimento de ritos (horário comum, sino, determinadas formas de oração comum, etc.) que ligavam a toda uma tradição de passado não criador, levou inúmeros religiosos e religiosas a total insegurança. Não deixa de ser significativo que no momento atual de transição grupos com pequena dimensão espiritual procurem reconstruir sua segurança justamente pela recuperação dos esquemas de seu passado.

Aqui algo importante deve ser sublinhado. Permanência não implica necessariamente em conservadorismo, ainda mais que toda relação de dominação provoca resistências,

ainda que apenas em algumas parcelas dos dominados. Para sobreviver, a instituição necessita aparentar mudanças, mantendo porém intocada a relação de dominação. São as denominadas **mudanças periféricas** da articulação social, que surtirão tanto maior efeito quanto mais os dominados se convençam da importância de bem público que as mesmas têm. Lembrem-se a propósito a recente anistia outorgada, que significou uma concessão do poder em resposta à organização do povo em torno do ideal de maior liberdade. Essa liberalização periférica atingiu seu efeito de adiamento de conflitos, de divisão de grupos de pressão, e de implantação de uma aparência de democracia.

O que dizemos a partir de uma visão macrossocial, do conjunto da sociedade, projeta-se, e é comprovado historicamente, nos microssistemas, tais como a Escola, a Família, a Igreja, as Ordens Religiosas. Observa-se uma tendência do microssistema reproduzir o macrossistema, e não o contrário. É o que explica como a aliança da Igreja com o poder político e econômico a partir do séc. IV traz para o seu interior as relações tipo dominante-dominado, senhor-servo, e que somente agora, e muito lentamente, vão sendo questionadas. Mais ainda, o macrossistema condiciona o microssistema, quer pela legislação, quer pela propaganda, a determinado tipo de comportamento meramente reproduzido da sua escala de valores. Veja-se, por exemplo, a angustiante situação de escolas católicas que, tentando formar "agentes transformadores da realidade" vão deparar-

se com a intransponível barreira das leis educacionais, currículos a serem cumpridos, vestibulares a serem preparados, e tantas outras cunhas expressivas de uma determinada ideologia que leva a gerar exatamente o contrário do que pretendem: alguém que busca saber, para ter e poder.

As ordens religiosas não escaparam desta cooptação pelo mundo, no sentido de São João. Nascidas de uma experiência espiritual diversa, na medida que dela se afastam perdem a visão do essencial e assumem, ainda que de modos sutilmente disfarçados, a opção básica de dominação. O passo inicial, mais simples, de situar-se, localizar-se nas relações de domínio é o saber. Daí a preocupação pela qualificação sempre maior e constante, independentemente de um serviço objetivo do outro (missão como definidor da necessidade de qualificação), tornando tantas pessoas meros consumidores de atividade intelectual. O saber acaba por incentivar o ter (acesso a determinados bens, viagens, veículos) e poder (aspiração a espaços de governo), produzindo a retenção por alguns do patrimônio comum do grupo. Evidentemente que isto provoca reação daqueles que conseguem conservar alguma capacidade crítica. É para estes que surgem as mudanças periféricas representadas por belos textos de congregações gerais, animadas assembléias provinciais, mirabolantes projetos e reuniões, todos ciclicamente repetidos.

Importa ainda ressaltar que muito deste processo não é percebido mesmo por seus agentes, tão sutilmente os valores do "mundo" invadiram a

messe do Senhor. Finalmente, a pergunta que decorre é sobre a impossibilidade em pensar uma mudança substancial que atinja o núcleo mesmo das formas de vida religiosa.

3.2. Projeto Utópico e Mudança Substancial

A experiência do Deus de Jesus Cristo manifestou a todos os homens uma nova forma de relacionar-se baseada no ser fraterno uns para com os outros. Revolucionariamente rompe com o esquema de segurança, ritos burocráticos e afirmação de *passado* utilizado para dominar, propondo novas relações inter-humanas baseadas no risco, na liberdade e na dimensão de futuro. Arriscar-se em alguém supõe aceitar o imprevisível, tornar-se vulnerável, jamais ter certezas e seguranças. É o campo próprio da fé, do amor, que Paulo vai descrever tão corretamente como aquele que “tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Cor 13, 7), único apto a construir o Reino de Deus. Este risco é vivido na liberdade, na exclusão de qualquer forma de senhorio que não seja o amor do outro por causa de Jesus Cristo. Finalmente, é um viver voltado para o amanhã; não é uma situação conquistada, mas um processo, um estar-a-caminho entre a proposta evangélica e a resposta humana na história — sempre com a esperança de que é possível ir mais longe (Deus sempre maior).

Dentro deste quadro amplo de um apelo geral à santidade pela fraternidade por causa de Jesus Cristo, coloca-se a vida religiosa também como uma experiência, movimento de encarnação e de testemunho do

evangelho numa situação histórica determinada. É uma forma de resposta entre outras, tão válida quanto outras, mas que é a “melhor” segundo o apelo pessoal que é dirigido na história a determinadas pessoas.

Perceber o específico dessa resposta importa em buscar certos elementos essenciais constitutivos, mas que podem ser articulados de forma diferente segundo os carismas e contextos nos quais são vividos. Sem essa liberdade de articulação, a vida religiosa transforma-se em mera abstração jurídica e ideológica. Por isso é essencial, para que possamos avançar nossa reflexão, superar certas concepções não corretas de imagem e de linguagem: não sacralizar a vida religiosa como estado de perfeição, nem como método ascético de perfeição; não situá-la na linha de distinção dos ministérios dentro da comunidade e sim na linha de igualdade fundamental da vida cristã; não compreendê-la como afastamento do mundo, mas intensa participação modificadora; deixar de expressá-la como uma terminologia que é própria de toda e qualquer resposta verdadeiramente cristã (“viver de forma radical e profética”, “somos reveladores da esperança cristã”, “servos de todos”, “viver conforme o espírito das bem-aventuranças”, etc.).

O que tornou significativo, na vida da Igreja, a resposta dada por homens e mulheres que no seguimento de Jesus Cristo fundam ordens religiosas, é terem assim agido a partir de uma experiência espiritual fundamental localizada no presente de uma situação sócio-cultural determinada, uma referência ao passado (origem, carisma) e como abertura

para o futuro (missão). Não é deste modo a vida religiosa algo que se define em função de si mesma, como grandeza absoluta, nem a partir de tarefas (educação, saúde, pastoral diferencial, etc.) nem como especialização (vida contemplativa, ativa, instituto secular, etc.). A fidelidade ao fundador ou fundadora não ocorre pela estrita observância dos ritos do passado, e que muita segurança nos dão, mas pela contínua renovação da experiência espiritual do fundador ou fundadora e que lhe permitiu dar uma resposta determinada numa dada situação histórica. Não se trata de reconstruir em exercício arqueológico as fontes e modelos então obtidos, mas no discernimento e oração comunitárias buscar a fidelidade evangélica e originalidade criadora que permitam reconhecer no Espírito que vivemos o mesmo, em identidade e continuidade, na diversidade dos tempos. Repetir o fundador, reconstruir seus modelos, com frequência provocará o aparecimento de caricaturas; ao contrário, na força de sua experiência espiritual busca-se atualizar a resposta que deve ser dada hoje à situação presente. Mais ainda: é de supor-se mesmo possível uma resposta não uniforme à multiplicidade de lugares e regiões em que esteja presente um dado grupo de vida religiosa. Aí a função privilegiada do superior: aquele que é separado para, na oração e na coragem do Espírito, suscitar essa busca de atualização do carisma pelas diversas províncias, comunidades. Não é o administrador, implementador de planos e projetos, mas o servo corajoso e incômodo que provoca e dá unidade à busca da vontade de Deus segundo o carisma próprio de

cada grupo, expresso na experiência básica do fundador.

O projeto utópico de Jesus, o reino da fraternidade, que se quer tópicico, localizado em algum lugar, foi assumido por alguns, como vimos anteriormente, de forma bastante particular. Resposta a uma vocação, caracteriza-se pelas dimensões de acolhida, serviço e partilha a nível de martírio. É na assunção da possibilidade deste último como horizonte último que, cremos, está o característico da vida religiosa. Todos os cristãos são chamados a proclamar o Reino de Deus e torná-lo realidade fraterna pela **acolhida, serviço e partilha**, opondo-se estas justamente ao dominar, reter e fruir que assinalam o reino deste mundo. O religioso, entretanto, por vocação específica, coloca essa acolhida, esse serviço e essa partilha como absoluto de sua existência pelo qual até mesmo dar a própria vida é uma possibilidade. Como vocação que se dá e recebe na fé, jamais terá certeza da resposta dada, se é realmente a melhor, a mais frutuosa. Terá que arriscar, fazer caminho, na busca, na oração e discernimento, que, entretanto, se fazem necessariamente num grupo de "companheiros no Senhor". Daí que a experiência inicial da vida religiosa era da castidade, que permite apreender o mundo, o conjunto da realidade, não através de alguém (como no matrimônio) que se torna inevitavelmente primeiro no meu existir, e condicionadora de minhas opções, mas por uma abertura ampla onde todos os seres concretos da minha história são acolhidos. Castidade assim entendida supõe uma intensa vida afetiva, expressa de modo especial pela relação de amizade e

com um certo nível de comunhão física. Evidentemente que não se trata aqui da relação sexual, mas na afirmação da dimensão total do ser humano, superando-se o lamentável dualismo alma-corpo que tanto mal já provocou.

Essa acolhida profunda gera naturalmente o servir, que desde o início das primeiras formas de vida religiosa teve um referencial privilegiado: os mais pequenos dos diversos grupos sociais, os pobres, os doentes, os abandonados. E com estes, tudo se partilhava. Daí que o servir vá expressar-se no voto de obediência, a qual existe para e por causa da missão, onde tudo se partilha, e para isso um se faz pobre, nada retendo para si.

Acolher, servir, partilhar, são atitudes básicas que terão sua expressão variando de acordo com os lugares e os tempos e as pessoas envolvidas. O problema é saber se o máximo possível — e este magis identifica a situação de martírio — está sendo feito, através do discernimento em momentos privilegiados pelo grupo em comunhão com a Igreja universal, através da oração e da partilha do pão eucarístico.

3.3. Seguimento e Formação

As notas anteriores já permitem concluir brevemente sobre como formar, como contribuir para que alguém que a tal vocação sinta-se chamado, possa bem responder ao Senhor. A tendência do sistema é burocratizar-se, reproduzir-se, principalmente pelo “ensino”, pelo aprendizado (veja-se a própria palavra “mestre de noviços”) das constituições, história da ordem, etc. Não

queremos negar que estas coisas tenham seu valor específico. O decisivo, entretanto, do seguimento de Jesus numa determinada forma de vida religiosa, e, mais particularmente no noviciado, será sempre propiciar ao jovem caminhante a possibilidade de refazer a experiência espiritual fundamental do fundador. Só aí haverá percepção do carisma específico de cada congregação, provocando no formador surpresas quanto a diferentes respostas com as quais talvez não esteja acostumado. Caberá a ele, e aos demais encarregados da formação, com coragem e humildade ir discernindo o que seja genuíno. Não há regras prévias, senão aquelas do Espírito. Por isto é necessário correr o risco, ser livre, ter a dimensão da esperança num futuro do Senhor. Arriscar supõe o diálogo franco e honesto; ser livre exige abandonar os próprios esquemas e certezas; a esperança relativiza o passado. Esta busca em comum desenvolve-se num quadro de **ruptura**, não com o mundo, mas com seus valores de dominação. O noviciado é o tempo privilegiado de reconstruir a fraternidade interior, assumi-la como meta de vida na luz da experiência espiritual que a tradição da ordem recebe, guarda e renova desde seu fundador. Fazer os votos nesse quadro é momento de engajamento, de identificação com a experiência do fundador, e, ao mesmo tempo, assunção de um projeto histórico definido resultante da caminhada de todo um grupo, e pelo qual tudo se dá, até mesmo a própria vida.

Já não há mais formadores e formandos, mas companheiros de caminho, companheiros no Senhor...

O CARISMA DOS FUNDADORES

“O mesmo Espírito Santo distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição, distribuindo a cada um segundo quer, concedendo seus dons aos que se mostram aptos e disponíveis para exercer as diversas obras e deveres... Estes CARISMAS são muito adequados e úteis à Igreja”.

Pe. Jaime Sullivan, OMI

Rio de Janeiro, RJ

Introdução

Em seu documento final, “A Evangelização no presente e no futuro da América Latina”, os bispos da AL, na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla de los Angeles, México, se comprometeram a colaborar com os Superiores Maiores dos Religiosos na opção de “estimular a fidelidade ao carisma original, sua atualização e adaptação às necessidades do povo de Deus, para que as obras alcancem maior força evangelizadora” (772). Este compromisso dos bispos está baseado no reconhecimento de que os consagrados propiciam às Igrejas particulares “as riquezas de seus carismas específicos, como dom do Espírito (o qual) se manifesta nos carismas dos fundadores que brotam em sua Igreja através de todos os tempos, como expressão da força de seu amor que corresponde solicita-

mente às necessidades dos homens” (756). Portanto, os bispos consideram a fidelidade ao próprio carisma uma forma concreta de obedecer à graça salvadora de Cristo, e de santificar-se com ele para redimir os homens nas várias áreas de atuação das diversas Congregações religiosas.

A vivência atualizada do carisma “torna presente o Espírito Santo que evangeliza os homens com sua multiforme riqueza” (757). Assim, acham eles necessário, para uma consagração mais profunda, “revitalizar a vida consagrada mediante a fidelidade ao próprio carisma e ao espírito dos Fundadores, correspondendo às novas necessidades do Povo de Deus” (461).

Esta manifestação dos bispos em Puebla é apenas uma etapa a mais aplicada agora à vida religiosa na América Latina, uma etapa marca-

da pela insistência do magistério sobre a importância de uma redescoberta do carisma fundacional das Congregações religiosas. O Concílio Vaticano II, no Decreto sobre a Renovação adequada à Vida Religiosa, "Perfectae Caritatis", coloca como um dos elementos necessários à renovação "um retorno constante... à primigênia inspiração dos Institutos..." (PC 2). Porque "reverte em bem para a própria Igreja o fato de os institutos terem seu caráter e função particular", e, por isso, são os religiosos exortados a "se reconhecerem e se manterem fiéis ao espírito e ao propósito específico dos fundadores..." (PC 2b).

É Paulo VI quem, em sua Exortação Apostólica sobre a Renovação da Vida Religiosa, "Evangelica Testificatio", pela primeira vez chama de "carisma" do fundador, num documento oficial da Igreja, o espírito e a intenção evangélica do fundador. "Somente assim podereis abrir de novo os corações à Verdade e ao Amor divino, segundo o **carisma** de Deus e sua Igreja. Da mesma maneira, insiste justamente o Concílio sobre a obrigação que têm os religiosos e religiosas de serem fiéis ao **espírito de seus Fundadores, a suas intenções evangélicas**, ao exemplo de sua santidade, incluindo isto num dos princípios da renovação em curso e fazendo disto um dos critérios mais seguros para o que cada Instituto deveria empreender. O carisma da vida religiosa... é fruto do Espírito Santo que age sempre na Igreja" (ET 11). Não foi uma escolha qualquer a que os Padres Conciliares fizeram para estabelecer os princípios de atualização da vida religiosa, de

modo que esta seja uma volta contínua às fontes de toda a vida cristã (o Evangelho) e à inspiração primitiva e original dos Institutos (o carisma do Fundador), e a adaptação dos mesmos às novas condições dos tempos (os sinais dos tempos).

I. A vida de uma Congregação

A História da Vida Religiosa demonstra que as Congregações Religiosas passam por uma curva de vida que vai da fundação carismática até um ponto crítico de transição que pode conduzi-las à extinção. Entre 150 a 200 anos, são estes os períodos de vida de uma Congregação: Fundação, expansão, estabilização, declínio, transição: revitalização, sobrevivência simples, extinção.

Os cinco períodos de vida de uma congregação são determinados da seguinte maneira:

1. **A Fundação.** Inicia-se e está centralizada na pessoa do Fundador e na sua visão. Este período normalmente coincide com a vida do Fundador. É um período muito carismático, centralizado na pessoa do Fundador e ainda mais profundamente na pessoa de Cristo. É um tempo de graça e de carisma. Aqui a comunidade começa a desenvolver-se, decide entre as diversas possibilidades de empreendimentos e escolhe os mais importantes; sonha com o futuro, sofre a necessidade de legitimação por parte da Igreja. A dedicação, o sacrifício e o entusiasmo são contagiantes.

2. **Expansão.** Este período é relativamente longo e pode perdurar por duas ou três gerações. O carisma é

institucionalizado dentro de uma variedade de formas. O culto comunitário e o sistema de valores se consolidam, forma-se uma política de comunidade pelo estabelecimento de normas e costumes. Organizam-se maneiras de se chegar a decisões e à comunicação. As normas abrangem todos os aspectos da vida: critério para aceitação de novos membros, normas de liderança e prioridades apostólicas. O crescimento e o bom êxito representam características deste período, e obras novas são aceitas rapidamente. Isto aumenta a possibilidade de maior recrutamento. Determinam-se padrões de prática espiritual, e a espiritualidade da comunidade concretiza-se nos manuais, diretórios e outros documentos escritos. Surgem crises sobre a visão fundacional por causa de diversas interpretações.

3. Estabilização. Neste período o aumento de número de membros pode continuar, mas a expansão geográfica normalmente vai mais devagar. Um sentimento de êxito impregna a comunidade. Há uma experiência de alto grau de satisfação pessoal simplesmente pelo fato de se pertencer à comunidade. A imagem da vida religiosa é clara e bem aceita. A necessidade de melhorar não é vista como uma necessidade de mudar as coisas, mas simplesmente como o esforço para fazer melhor o que já está sendo feito. Há pouca necessidade de elaborar e aprofundar mais intensamente a visão fundacional. A formação de novos membros acentua a conformidade com padrões normais de conduta externa que são considerados os melhores meios para cultivar o compromisso interior. Os tipos de

crises deste período são o ativismo e a dificuldade de adaptação.

4. Declínio. O declínio pode ser gradual ou rápido. As estruturas institucionais e os pontos que lhes servem de apoio para crer são desmantelados e a tensão bem como a dúvida surgem nos membros. Inicia-se com a insatisfação decorrente do estado atual da comunidade. Questionamentos sem respostas a respeito da função e do objetivo da comunidade começam a acumular-se. Há crises de autoridade e do processo de tomar decisões. A polarização torna-se aguda. Tudo isto leva ao período de:

5. Transição. (Período crítico). Há três resultados possíveis para este período: extinção, sobrevivência mínima, ou revitalização. Estas opções são provadas pela história: 76% de todas as congregações religiosas masculinas fundadas antes de 1500 e 64% das fundadas antes de 1800 não existem mais. Também, somente 5% das fundadas antes de 1500 e 11% das fundadas antes de 1800 possuem agora mais de 2000 membros.

Revitalização. Há três características que assinalam as comunidades que se revitalizaram uma, duas ou mais vezes: **1.** Uma resposta transformadora diante dos sinais dos tempos. **2.** Uma reapropriação do carisma fundacional. **3.** Uma conversão pessoal e comunitária a Cristo. Uma renovação profunda da vida de oração, de fé e de centralização em Cristo.

Neste trabalho, vamos refletir sobre o item 2: O carisma do Fundador.

II. A palavra "carisma"

O significado vem de CHARIS — dom, graça, dom gratuito. A Palavra é usada por são Paulo nos dois sentidos: num sentido amplo como qualquer dom de Deus, e num sentido restrito como ocorre em 1Cor 12,11.

Também Santo Tomás de Aquino usa a mesma definição: uma graça concedida gratuitamente para o bem espiritual de outros. E a Igreja aceita este sentido restrito de são Paulo para explicar o Carisma na Lumen Gentium: "... o mesmo Espírito Santo... também distribui graças especiais entre os fiéis de qualquer condição, **distribuindo a cada um segundo quer** (1 Cor 12,11), concedendo seus dons aos que **se mostram aptos e disponíveis para exercer as diversas obras e deveres** que sejam úteis à renovação e à maior edificação da Igreja... Estes carismas... são muito adequados e úteis às necessidades da Igreja" (LG 12).

III. Distinções: espírito da congregação, missão, carisma

Espírito da Congregação. Uma determinada maneira de ser da família — "esprit de corps" — que une os membros apesar de suas diferenças. É a sua **MANEIRA DE SER — SUA VISÃO DO EVANGELHO — SER** — que nos torna aptos para: a **Missão:** aquilo que somos chamados a **fazer** como expressão de nosso ser; para o **Carisma:** o dom de ser e fazer, o espírito mais a missão. Os dois elementos são integrantes do dom; para a **Espi-**

ritualidade: a vivência comportamental do carisma: os atos e as palavras que resultam do vivermos nosso ser e nosso fazer, nossa missão.

VI. Descrição do carisma

O Carisma é um dom vivo do Espírito Santo: é dinâmico, e, por conseguinte, não pode ser definido categoricamente de maneira estática. Podemos tentar descrevê-lo, mas apenas indicando seus elementos constitutivos.

1. **Ponto de vista teológico.** O Carisma é a Experiência de Deus por parte do Fundador. Entre todas as experiências, percebemos algumas que são espirituais e que nos levam a tomar posição diante de Deus. Um encontro com Deus, não somente através de meios excepcionais, mas também na luta do dia-a-dia, com o intuito de nos compreendermos a nós mesmos, de compreendermos os outros e o mundo. Cada fundador teve seu encontro específico no contato com Deus. Sentiu a presença de Deus em sua vida. Esta experiência representou para ele um chamado especial e exigiu dele o desempenho de uma missão.

Em outras palavras: sua identidade espiritual aí está, ou seja, aquilo que chamamos de sua vocação.

Se as coisas são assim, onde está o Carisma do Fundador hoje? Carisma é graça, o carisma é um dom dado pelo Espírito Santo. Aqui não estamos tratando do conceito sociológico do Carisma. Não se trata apenas de uma qualidade da personalidade que inspira os outros. Trata-se de um dom do Espírito.

O Fundador recebeu-o. Seus primeiros companheiros receberam-no. Todos nós também o recebemos. A fundação de qualquer Congregação tem sua origem numa participação de fé, mediante a qual o fundador comunica sua experiência de Deus a outros, e estes reconhecem a semelhança existente com sua própria experiência de Deus.

Acho que há dois elementos no carisma do fundador, de seus primeiros companheiros e daqueles que o seguiam. O Fundador recebeu o carisma, o dom de ser e de fazer, e, além deste dado somente a ele, o dom do carisma necessário para chamar outros e para os unir. Os primeiros companheiros receberam o mesmo dom, o carisma de ser e de fazer, e, ainda, o dom de corresponder e de congregar. Todos os que os seguiram, inclusive nós, recebemos o mesmo carisma, diretamente do Espírito Santo, o carisma de ser e de fazer, acrescido do dom de continuar e crescer. Não falo aqui da "repetição" dos atos e das práticas do Fundador, mas da continuação e do desabrochar de seu espírito profundo.

A vocação religiosa para uma Congregação Religiosa particular é, portanto, uma questão de reconhecimento. A pessoa deseja corresponder ao chamado de Deus que ela experimenta e cuja maneira concreta de correspondência ela reconhece existir num grupo religioso.

2. Ponto de vista comunitário.

Uma comunidade (congregação) religiosa é um grupo de voluntários adultos. Nenhum grupo de voluntários adultos se unem sem um objetivo comum — um ideal comum. Este obje-

tivo chama-se a comunhão — "Comunio". Esta comunhão é a visão corporativa do grupo. Permanece no momento de Visão até que os participantes do grupo decidam fazer dela uma opção — um compromisso corporativo. Este compromisso corporativo a respeito da visão comum, ou seja, a comunhão, conduzi-los-á à ação. Assim, pois, cria-se a comunidade. Não existe e não pode ser comunidade, apesar da formulação e do estabelecimento de estruturas, quando não existe Comunhão. Esta comunhão, que consiste em ser de uma certa maneira, viver uma certa visão do Evangelho e fazer uma certa tarefa, a missão, é simplesmente o carisma do grupo. A Congregação, a comunidade passa a ser então a encarnação, no tempo e no espaço, do dom do Espírito Santo — o Carisma. E esta é a razão por que os membros se mantêm juntos em primeiro lugar e continuam juntos apesar de tudo. O Carisma é o conjunto dos valores primários que o grupo possui em comum — o objetivo que os une.

As constituições são formuladas em vista da comunhão. São a expressão escrita-verbal desta comunhão — o carisma. São a "memória da Congregação", que deve lembrar-se constantemente da visão corporativa — do que ela deve ser e fazer.

V. Como podemos estar a par de nosso carisma

1. Estudo do Fundador
2. Estudo da história contínua da Congregação
3. Reflexão sobre as experiências dos membros atuais

VI. Elementos componentes do carisma

1. Chamado de Deus
2. Visão especial do Evangelho
3. Comunidade
4. Missão
5. Destinatários
6. Outros elementos — virtudes especiais

VII. Carisma institucional e carisma pessoal

Na verdade não pode haver conflito entre o carisma do Instituto e os carismas pessoais dos membros. O carisma é um dom do Espírito Santo dado à pessoa. Se a pessoa possui o carisma do Instituto e também recebeu outros carismas do Espírito Santo, estes devem poder ser realizáveis dentro do Instituto. Quando existe um conflito evidente, tal se deve a uma das três razões seguintes:

1. O Instituto não se acha suficientemente claro no que diz respeito ao seu carisma específico e, por isto, não consegue perceber que o carisma pessoal daquele membro se enquadra bem dentro do carisma do Instituto. Isto pode ocorrer com comunidades locais, províncias pequenas ou indivíduos, mas parece impossível que um Instituto inteiro não esteja esclarecido sobre seu carisma.

2. A pessoa não tem tal carisma pessoal totalmente diverso do carisma do Instituto. Talvez tenha talentos, ambições, caprichos que possam causar tal conflito.

3. A pessoa nunca teve o carisma da Congregação e isto agora se manifesta de modo mais claro. Ou, então, se o teve, agora é alvo de um novo chamado de Deus para ser e fazer algo diferente. Temos um exemplo disto em Madre Teresa de Calcutá. De qualquer maneira, cada carisma pessoal deve ser estudado pela comunidade. Ver a Regra 10 de nossas Constituições e Regras.

Reflexão sobre o carisma

OBJETIVO. 1. Perceber a relação pessoal com o carisma do Instituto. 2. Perceber os dons dos outros.

TEMPO. 1. Uma hora de reflexão individual. 2. Uma hora de partilha em grupo.

PROCESSO. 1. Trabalho individual. Em um lugar solitário, passar algum tempo em silêncio, lembrar-se da presença de Deus e refletir em espírito de oração sobre sua vida e sua vocação. Com este mesmo espírito, meditar lentamente sobre cada uma das perguntas contidas na Folha A. Tempo = uma hora. 2. Trabalho em grupo. Compartilhar as respostas de cada um. 3. Terminar com uma oração comunitária de ação de graças.

Vinte Perguntas — Folha A

1. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
2. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
3. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são

4. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
5. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
6. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
7. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
8. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
9. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
10. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
11. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
12. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
13. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
14. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
15. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
16. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
17. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
18. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
19. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são
20. Os Oblatos de Maria Imaculada (OMI) são

Aprofundamento do carisma oblato

OBJETIVO. Aprofundar pessoal e comunitariamente nosso carisma Oblato. Concretizar para nós e para nossas comunidades o carisma Oblato hoje em dia. Deixar-nos questionar pelo nosso carisma Oblato. Ver nossa vida e a história presente e futura dentro da perspectiva de nosso carisma Oblato. Planejar nosso apostolado e nossa vida a partir de nosso carisma Oblato.

PARA QUEM. Uma comunidade Oblata local ou distrital. Também pode servir para um indivíduo Oblato, omitindo o trabalho de grupo.

TEMPO. Dois dias.

PROCESSO

1. Reservar uma hora para ler a carta do Superior Geral (**Documentación** nº 59/75, 15 de julho de 1975).

2. Reservar uma hora e meia para discutir a carta em grupo segundo o método "Aprender pela discussão", Folha———. Descanso.

3. Dedicar a primeira Folha de Reflexão (Cf. "DESCOBRINDO O CARISMA OBLATO", números 14 a 17, ou C———) e refletir em particular durante 45 minutos. Recomenda-se dar especial atenção aos compromissos incluídos na última parte de todas as folhas. Recomenda-se também que nosso carisma e os compromissos sejam iluminados e esclarecidos pelos acontecimentos nacionais, mundiais e de nossa família religiosa, além da luz que devem receber da Sagrada Escritura, de Puebla, do Fundador, das Constituições e Regras, e da teologia.

4. Em grupo, durante 45 minutos, cada um compartilhará sua reflexão. Descanso.

5. Reflexão pessoal durante 45 minutos sobre a segunda folha.

6. Compartilhar a reflexão em grupo durante 45 minutos. Descanso.

7. Refletir sobre a terceira folha durante 45 minutos.

8. Compartilhar a reflexão em grupo durante 45 minutos. Descanso.

9. Refletir sobre a quarta folha durante 45 minutos.

10. Compartilhar a reflexão em grupo durante 45 minutos. Descanso. Se houver um grupo só, este seguirá as mesmas etapas aqui descritas.

11. Se houver vários grupos, a esta altura terão um plenário para fazer uma lista dos compromissos, isto é, dos convites e dos chamados que cada um dirige à comunidade. Chega-se a um consenso sobre os compromissos. Transformam-se os compromissos em objetivos a serem perseguidos pela comunidade.

NOTA. Se se estiver realizando este trabalho como preparação para um Congresso Provincial, quando se chegar ao número 11, faz-se a lista de compromissos; dividem-se estes compromissos em categorias (comunidade, oração, liturgia, apostolado, etc.) e guarda-se isto como material para o Congresso.

Folhas de reflexão sobre o carisma oblato

Folha de Instrução

As Folhas de Reflexão foram feitas com base na Constituição 1, já que este artigo possui quase todos os elementos do carisma Oblato.

OBJETIVO. Interiorizar os diferentes elementos do carisma Oblato.

PARA QUEM. Oblatos como indivíduos e também para uma comunidade.

TEMPO. Uma hora de reflexão pessoal e uma hora de reunião comunitária.

PROCESSO. Rezar durante 15 minutos com os textos da Sagrada Escritura em cada folha. Rezar du-

rante 30 minutos sobre os outros textos e as perguntas contidas em cada folha. Reservar 15 minutos para preencher a última parte da folha. Se a comunidade desejar fazer uma reunião para compartilhar o resultado das perguntas e o compromisso pessoal de cada um, então: Reservar 30 minutos para compartilhar os chamados ou convites para o compromisso que fizemos conosco e com a nossa comunidade/província. Chegar a um consenso sobre estes chamados: 30 minutos. Concretizar, se houver tempo, a implantação destes chamados. E, se não houver tempo, deixar esta etapa para outra reunião.

Aprofundamento do carisma Oblato

Folha de Reflexão

“O chamado de Jesus Cristo, que se faz ouvir na Igreja através das necessidades de salvação dos homens, congrega os Missionários Oblatos de Maria Imaculada e convida-os a segui-lo e a tomar parte em sua missão pela palavra e pela ação. A Congregação reúne em comunidades apostólicas sacerdotes e irmãos que se vinculam a Deus pelos votos de religião. Cooperando com Cristo Salvador e imitando seu exemplo, consagram-se principalmente à evangelização dos pobres” (CI).

Esta reflexão. “O chamado de Jesus Cristo... convida-os a segui-lo...”

Sagrada Escritura

Mateus 4,18-21: “Segui-me e farei de vós pescadores de homens...”

Marcos 18,18-30: “Se alguém quer seguir-me, esqueça-se a si mesmo, ... tome a sua cruz e siga-me.”

Lucas 18,18-30: “... vende tudo o que tens, ... depois vem e segue-me.”

Lucas 5,9-11: “... serás pescador de homens...”

João 12,24-26: “Aquele que quer servir-me siga-me...”

O fundador. “... em uma palavra, procurarão tornar-se outros Jesus Cristos, exalando por toda parte o aroma de suas amáveis virtudes”, Beato Eugênio de Mazenod, 1818.

Documento Eclesiástico. “Chamados pelo Senhor, comprometem-se a

seguir-lo radicalmente, identificando-se com Ele...” (Puebla, 742). “... Negando-se, pois, radicalmente a si mesmos, aceitam como sua a cruz do Senhor, colocada sobre eles, e acompanham os que sofrem pela injustiça, pela carência do sentido profundo da existência humana e pela fome de paz, de verdade e de vida” (Puebla, 743).

Documento Congregacional. “Escolhidos para o Evangelho de Deus, deixam tudo para seguir Jesus Cristo...” (Constituições e Regras OMI, C. 2).

Perguntas

1. Que é que ainda o impede a dar-se completamente ao seguimento de Cristo?

2. Será que você é capaz de dizer sempre: “Faça-se a tua vontade e não a minha”?

3. Porventura você consegue rebaixar-se ao nível de sua gente, das pessoas com que você lida, tal como Cristo que se fez pobre embora sendo rico?

4. Nas provações, você costuma olhar para trás, em vez de prosseguir olhando para Cristo?

5. Quando foi a última vez que você conversou com um leigo sobre Jesus Cristo? E com outro Oblato?

6. Na última semana, que atos e que palavras minhas foram iguais aos pensamentos, sentimentos e atitudes de Jesus Cristo?

Por conseguinte:

1. Comprometo-me comigo mesmo a
.

2. Convido e chamo minha comunidade para
.
3. Convido e chamo minha província para
.

Folha nº 2

Aprofundamento do carisma Oblato

Folha de Reflexão

“O chamado de Jesus Cristo, que se faz ouvir na Igreja através das necessidades de salvação dos homens, congrega os Missionários Oblatos de Maria Imaculada e convida-os a segui-lo e a tomar parte em sua missão pela palavra e pela ação. A Congregação reúne em comunidades apostólicas sacerdotes e irmãos que se vinculam a Deus pelos votos de religião. Cooperando com Cristo Salvador e imitando seu exemplo, consagram-se principalmente à evangelização dos pobres” (CI).

Esta reflexão. “A Congregação reúne em comunidades apostólicas sacerdotes e irmãos...”

Sagrada Escritura

Mateus 28,19-20: “Ide e fazei que todos os povos sejam meus discípulos...”

Atos 4,32-35: “A assembleia dos fiéis tinha um só coração e uma só alma... Os apóstolos davam testemunho...”

Lucas 10,1-16: “Enviou-os dois a dois...”

Filipenses 1,27: “Permaneçam firmes num mesmo espírito...”

Mateus 5,13-16: “... que a vossa luz brilhe diante dos homens...”

O fundador. “Suportar-se-ão mutuamente com muita mansidão e paciência, estimulando-se uns aos outros no serviço mútuo e praticando alegremente a caridade. Cada um evitará tudo o que possa entristecer os irmãos, e cederá de bom grado aos desejos dos outros, a fim de que a paz de Deus e a caridade de Cristo habitem neles. Amar-se-ão e respeitar-se-ão reciprocamente e apressar-se-ão em se prestarem mútuas atenções.”

Documento Eclesiástico. “Procure-se dar ênfase às relações fraternas, interpessoais, em que se valorizam a amizade, a sinceridade, a maturidade, como base humana indispensável para a convivência; com dimensão de fé, pois é o Senhor quem chama; com um estilo de vida mais simples e acolhedor; com diálogo e participação” (Puebla 730).

Documento Congregacional. “... Ao acrescentar-se entre nós a comunhão de espírito e de coração, damos testemunho diante dos homens de que Jesus vive no meio de nós e nos mantém unidos para nos enviar a fim de que anunciemos o seu Reino”, (Constituições e Regras OMI, C. 36).

Perguntas

1. Enumere três deficiências de sua comunidade apostólica.
2. Como pode você ter experiência de uma comunidade apostólica se você vive sozinho?
3. Quantas vezes por mês, em sua comunidade apostólica, existe um diálogo aberto e franco sobre as experiências pessoais?
4. De que maneira concreta tenho contribuído para a comunhão de vida

de minha comunidade local, distrital ou provincial?

Por conseguinte:

1. Comprometo-me diante de mim mesmo a
2. Convido e chamo minha comunidade para
3. Convido e chamo minha província para

Folha nº 3

Aprofundamento do carisma Oblato

Folha de Reflexão

“O chamado de Jesus Cristo, que se faz ouvir na Igreja através das necessidades de salvação dos homens, congrega os Missionários Oblatos de Maria Imaculada e convida-os a segui-lo e a tomar parte em sua missão pela palavra e pela ação.

“A Congregação reúne em comunidades apostólicas sacerdotes e irmãs que se vinculam a Deus pelos votos de religião. Cooperando com Cristo Salvador e imitando seu exemplo, consagram-se principalmente à evangelização dos pobres” (CI).

Esta reflexão. “... que se vinculam a Deus pelos votos de religião”.

Sagrada Escritura

Mateus 19,21-22: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que tens e dá-o aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me”.

Filipenses 2,5: “Tende entre vós os mesmos sentimentos que teve Jesus Cristo”.

João 4,34: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou...”

Tiago 2,1-9: “Acaso não escolheu Deus os pobres deste mundo para torná-los ricos na fé?”

Mateus 10,6-10: “... Não procurem levar nem ouro, nem prata...”

Lucas 12,13-21: “... Não são seus bens que lhe dão vida”.

João 14,6-7: “... Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida...”

O fundador. “Quem quer ser um dos nossos deverá arder em desejos da própria perfeição, estar inflamado de amor a Nosso Senhor Jesus Cristo e à sua Igreja, e de zelo ardente pela salvação das almas. Deverá desprender seu coração de todo afeto desor-

denado às coisas da terra e do apego exagerado aos parentes e à terra natal; não ter desejo algum de lucro, encarando antes as riquezas como barro, a fim de não buscar outro tesouro senão Jesus Cristo; ter o anseio de consagrar-se ao serviço único de Cristo e da Igreja, quer nas Missões, quer em outros ministérios da Congregação. Deverá finalmente ter a vontade de cumprir as Regras de nosso Instituto e a obediência às mesmas”.

Documento Eclesiástico. “A vida consagrada é uma grande força para a Evangelização da América Latina”, Puebla, 120. “Sua consagração radical a Deus, amado sobre todas as coisas, e, por conseguinte, ao serviço dos homens, exprime-se e realiza-se mediante os conselhos evangélicos...” Puebla, 746.

Documento Congregacional. “Como sua missão o exige, os Oblatos querem seguir de forma radical o exemplo de Jesus que foi casto e pobre; e resgatou o mundo com sua

obediência. Assim, pois, por um dom do Pai, escolhem o caminho dos conselhos evangélicos”.

Perguntas

1. Que exemplos posso dar de que estou apaixonado por Jesus Cristo e pelas pessoas?
2. Concretamente, em que posso dizer que sou pobre?
3. Citar a última vez que obedeci a um superior ou à minha comunidade, fazendo a sua vontade e não a minha?

Por conseguinte:

1. Comprometo-me comigo mesmo a
2. Convido e chamo minha comunidade para
3. Convido e chamo minha província para

Folha nº 4

Aprofundamento do carisma Oblato

Folha de Reflexão

“O chamado de Jesus Cristo, que se faz ouvir na Igreja através das necessidades de salvação dos homens, congrega os Missionários Oblatos de Maria Imaculada e convida-os a segui-lo e a tomar parte em sua missão pela palavra e pela ação. A Congregação reúne em comunidades apostólicas sacerdotes e irmãos que se vinculam a Deus pelos votos de religião. Cooperando com Cristo Salvador e imitando seu exemplo, consagram-se

principalmente à evangelização dos pobres” (CI).

Esta reflexão. “Cooperando com Cristo Salvador e imitando seu exemplo, consagram-se principalmente à evangelização dos pobres”.

Sagrada Escritura

Lucas 2,8-12: “... Hoje nasceu para vós na cidade de Davi um Salvador que é Cristo...”

Lucas 4,18-19; "Enviou-me para trazer a Boa Nova aos pobres..."

Lucas 7,22-23: "Anuncia-se a Boa Nova aos pobres..."

Lucas 14,13-14: "... quando ofereceres um banquete, convida os pobres, os inválidos, os coxos, os cegos, e serás feliz..."

2 Cor 8,9: "Por vós se fez pobre, sendo rico, para fazer-vos ricos com sua pobreza".

O fundador. "Chamou seus primeiros companheiros, convidando-os a imitar as virtudes e os exemplos de nosso Salvador Jesus Cristo, ocupando-se principalmente com a pregação da Palavra Divina aos pobres".

Documento Eclesiástico. "... A presença dos religiosos nas zonas mais pobres e difíceis intensificou-se. Eles têm a seu cargo a maioria das missões entre indígenas" (Puebla 121). "O compromisso evangélico da Igreja, como disse o Papa, deve ser como o de Cristo: um compromisso com os mais necessitados. A Igreja deve, por conseguinte, olhar para Cristo quando ela se pergunta qual há de ser a sua ação evangelizadora. O Filho de Deus demonstrou a grandeza deste compromisso ao fazer-se homem, pois ele se identificou com os homens, tornando-se um deles, solidário com eles e assumindo a situação em que se encontram, e isto em seu nascimento, em sua vida e sobretudo em sua paixão e morte, quando chegou à expressão máxima da pobreza."

Documento Congregacional. "A Congregação inteira é missionária. Seu primeiro serviço na Igreja é o

de anunciar Cristo e seu Reino aos mais abandonados... São os pobres em seus múltiplos aspectos: para eles se dirigem nossas preferências", (Constituições e Regras OMI, C. 5).

Perguntas

1. Qual foi o último sacrifício pessoal que você fez para evangelizar um pobre?

2. Quando foi que você experimentou, mais recentemente, haver sido evangelizado por um pobre?

3. Que mudança se realizou em sua vida ao ser você evangelizado por um pobre?

4. Porventura você evangeliza os pobres com a mesma caridade e com o mesmo tato com que evangeliza os cultos e poderosos?

5. Qual foi a última vez que você comeu com os pobres?

6. Qual a última vez que convidou um pobre para sentar-se à sua mesa?

7. Qual a última vez que passou uma hora conversando com um pobre?

Por conseguinte:

1. Comprometo-me comigo mesmo a

2. Convido e chamo a minha comunidade para

3. Convido e chamo a minha província para

ATUALIDADE DE SÃO VICENTE DE PAULO

Em São Vicente brilha uma dialética existencial entre opostos: humildade amedrontadora, ao lado de criatividade genial. Obediência a toda prova e coragem assustadora. Prudência e exemplo de arrojo em suas realizações inovadoras.

Pe. Ideu Pinto Coelho, CM

Belo Horizonte, MG

Não deixa de ser gratificante falar da atualidade de alguém quartocentenário. A Bíblia louva e exalta a longevidade como um dom valioso. Tanto a longevidade física quanto a perpetuação da memória benfazeja dos seus heróis.

São Vicente de Paulo foi longevo tanto nos seus quase 80 anos de existência como no patrimônio espiritual que nos legou. Dom inestimável, sobretudo naquele tempo, em que a média de idade para os mais pobres não excedia os 20 a 25 anos e para os ricos os 40 a 45. Suas obras, suas fundações, seus escritos, sua inspiração e seu impulso espiritual ainda põem em marcha milhares de discípulos, seguidores e admiradores no mundo inteiro. Continua vivo, atual, estimulante e inspirador.

Seria anacrônico, portanto falso e ridículo, querer vislumbrar nele um sacerdote do Século XX, com nossos

problemas, preocupações, questionamentos, mentalidade e linguagem. O convívio, a freqüentação assídua deste mestre e modelo inigualável, todavia, nos faz saltar aos olhos e ao coração uma figura muito próxima e palpitante. À primeira vista, poderia alguém ter a impressão de estar ouvindo uma linguagem muito rebarbativa, experimentando uma mentalidade autoritária, monolítica em sua teologia e uniforme em sua moral, monótona em suas formulações de exigência ascética e mística. O vocabulário, as categorias mentais, os usos e exigências da época poderiam desestimular ao primeiro contato superficial. É questão de conhecê-lo melhor, mais a fundo. Aí, a surpresa toma conta do leitor. O entusiasmo, a admiração, a veneração vão num crescendo consolador. Chama a atenção esta dialética existencial, em S. Vicente, entre os opostos: uma humildade amedrontadora ao lado da criatividade genial; uma

obediência a toda prova, junto de uma coragem assustadora; modelo de prudência e exemplo de arrojo em suas realizações inovadoras; homem compassivo com os pequeninos e fracos, e exigente, arguto, sagaz com os poderosos. Austero e inflexível nos princípios, b r a n d o, compreensivo com as pessoas. Abismado em Deus, fascinado pelo Cristo Evangelizador dos Pobres; mergulhado em todo tipo de atividades seculares e comprometido com o mundo que o rodeava e o homem.

Não admira que esta figura pluriforme tenha exercido, desde os seus contemporâneos e testemunhas de sua morte até os biógrafos e especialistas de hoje, um encantamento renovado em tantas monografias.

Razão tinha seu primeiro panegirista, aos 23 de novembro de 1660, Mons. Henri de Maupas de Tour: "este homem mudou a face da Igreja." Significativa igualmente a afirmação do historiador e pregador Mons. Frepel de que "seu trabalho em prol da Igreja só se pode comparar ao dos apóstolos". Henri Bremond, em sua História do sentimento religioso, se surpreende com a modéstia imperdoável dos Lazaristas, filhos espirituais de S. Vicente: "oito grandes volumes, ricos de doutrina, salpicadas de humor, onde nunca encontrei sequer uma linha banal, fato raro na coleção deste porte... Ainda hoje, o grande público os ignora!" Henri Bremond assim escrevia em 1918, quando ainda não havia aparecido o magistral trabalho da edição de Pierre Coste (1920-1925). Tudo isto, além da crescente história literária e artística, que sempre envolveu o santo. Biógrafos, monógra-

fos, romancistas, poetas, pintores, esculptores, músicos, teatrólogos e cineastas colocaram ao alcance e ao sabor do grande público a figura deste herói da caridade, do pai dos pobres, do herói nacional e do benfeitor da humanidade. A história autêntica de mãos dadas com a lenda. O retrato era grande demais para suportar apenas uma moldura!

S. Vicente de Paulo foi pesquisado, estudado, refletido e projetado em todos os ângulos. Bastaria reparar os títulos das inúmeras biografias que se sucedem sem interrupção. Assim mesmo, conhecido externamente, admirado, venerado e imitado, retratado nas telas, esculpido e lançado em cinema, S. Vicente "continua passando entre nós, envolto no seu manto" no dizer do mesmo Henri Bremond. O tesouro de sua doutrina, a herança espiritual de seus escritos, a inspiração provocante de seu carisma, ainda estão por explorar.

A título de sugestão, gostaria de apontar alguns aspectos de sua gritante atualidade.

1) Seu profundo sentido de Igreja, contemplado em seu mistério e servida apaixonadamente em seus setores fundamentais: a reforma do clero, a mudança radical na pregação, a dignidade do serviço do altar e da celebração dos sacramentos.

2) Descoberta dos pobres, enquanto sacramento de Cristo. Amor, compaixão, serviço e respeito à suprema dignidade do pobre. Opção bíblica, teológica, vivencial e pessoal. Na Igreja, o pobre é um rico, um senhor. Seu poder é extremo,

sua clarividência terrível. Ele alimenta espiritualmente todos aqueles que vivem para servi-los.

3) Valorização dos leigos. S. Vicente de Paulo, mesmo falando aos missionários, insistia sempre em suas prerrogativas batismais e nas virtudes cristãs. Sua profunda psicologia da alma feminina soube descobrir todas as virtualidades e possibilidades de trabalho apostólico, social e religioso das mulheres. Verdadeira e insólita promoção já naquele tempo. As Confrarias da Caridade, de homens e mulheres, a caridade pessoal, não a simples esmola auto-suficiente e distante, mas o contato de pessoa a pessoa. A chance oferecida aos ricos de encontrarem sua verdadeira conversão, colocando-os na "escola dos pobres".

4) Leitura dos sinais dos tempos. Não conhecia a expressão, cunhada por João XXIII e divulgada pelo Vaticano II, mas foi um mestre exímio em descobrir os apelos de Deus, as exigências do Evangelho, as necessidades da Igreja, o clamor dos pobres, nos acontecimentos, reveladores eloqüentes da Divina Providência.

5) O SERVIÇO. Vivendo num tempo de autoritarismo político e eclesiástico, no culto da autoridade, soube falar e ensinar a verdadeira, autêntica e atual teologia do serviço. (Cf. *Guide des Supérieurs*, 1964, Felix Contassot, C.M.).

6) DIÁLOGO. Na mesma perspectiva da autoridade como serviço, onde, com mão de mestre, distingue bem a função e a pessoa, torna-se notável sua doutrina sobre o que

hoje chamamos e entendemos por diálogo. Mais que seus ensinamentos, foi toda sua vida, sua experiência na comunidade dos missionários, das Filhas da Caridade, nas muitas associações caritativas e apostólicas e mesmo fora com as autoridades civis.

7) CONTEMPLAÇÃO E AÇÃO. Oração e vida. Dificilmente se encontra, mesmo nos tratados mais recentes, uma síntese mais feliz, uma harmonia mais orgânica, evitando qualquer dicotomia, do que nas Conferências, máximas e sobretudo na vida de S. Vicente. Tornaram-se famosas suas afirmações primorosas e lapidares sobre esta difícil integração.

8) MÉTODO E PRÁTICA DE ORAÇÃO. Nada mais humano, mais comovedor e construtivo do que seu modo de partilhar a oração. O que hoje chamamos de oração comunitária, oração partilhada, era seu processo habitual de rezar com os seus. É o que hoje as comunidades e grupos estão ensaiando e tentando implantar para trazer o evangelho na vida e a vida na oração. É impressionante sua maneira de perceber o dinamismo, a vitalidade de cada passagem bíblica para a vida. Mais impressionante ainda a facilidade e a propriedade, com que evoca textos tão variados de todo o antigo Testamento e o manuseio do Novo. A palavra de Deus era realmente a respiração de sua alma contemplativa. Nele a vida apelava para a palavra de Deus e esta com a vida, método tão eficiente nos grupos de reflexão: casais, jovens, cursilhistas, comunidades de base.

9) **PLANEJAMENTO E ORGANIZAÇÃO.** Hoje a palavra de ordem para qualquer atividade. Quem conhece S. Vicente, entende muito bem porque foi chamado de "gênio de organização". As Constituições, os Estatutos dos missionários e das Irmãs da Caridade, dos Capelães que acompanhavam os soldados, tudo só começava, segundo um método preciso, detalhado e muito realista. Verdadeiras obras primas de organização, humanidade e ternura. Neste aspecto, chama a atenção ainda a participação de todos, mediante a distribuição das tarefas. Falamos, hoje, em "comunhão e participação", descentralização, etc. S. Vicente lembrava, insistentemente, como cada um devia ser respeitado e valorizado em sua especialização, consultado e ouvido em sua qualificação.

10) **CRIADOR E ANIMADOR DE COMUNIDADES.** S. Vicente não apenas legou à Igreja e à humanidade suas duas grandes comunidades de missionários e das Filhas da Caridade, as Confrarias da Caridade, mas sempre arregimentava pessoas para o trabalho apostólico. Criou, assistiu, desenvolveu, animou material e espiritualmente. Por onde passou, fundou comunidades. Entre outras, bastaria citar o exemplo de Châtillon-des-Dombes. Aí, encontrou seis eclesiásticos despreparados, sem zelo; transforma-os pelo seu

exemplo, dentro de pouco tempo, em companheiros responsáveis e fervorosos.

Naturalmente, poderíamos alongar esta lista, vendo nele um inspirador de grandes iniciativas atualíssimas. Cada época, cada momento histórico vive seus problemas, suas inquietações, questionamentos e perspectivas. Há palavras chaves, palavras-força, capazes de sintetizar e incentivar, aglutinar tantas inquietações, traduzindo conceitos dinâmicos.

Retomo, concluindo, as palavras otimistas e esperançosas do nosso Superior Geral, Pe. Richard McCullen, em sua carta mensagem aos Coirmãos, aos 19 de março de 1981: "Contemplando, nestes dias, os restos mortais do Santo Fundador, tenho repensado a pergunta de Deus ao profeta Ezequiel: 'poderão estes ossos reviver?' (EZ 37,3)". "Pelo que diz respeito à Congregação, depende de nós a resposta, já que somos chamados a encarnar (não tenhamos medo da ousadia da palavra) o espírito de S. Vicente de Paulo na Igreja e no mundo de hoje."

E com o Pe. André Dodin, podemos dizer: "Mesmo que todas as obras viessem a desaparecer, se todas as suas conquistas tivessem que ser perdidas, ficaria ele, S. Vicente, uma fonte inesgotável de riqueza e de força."

Para sobreviver, a instituição necessita aparentar mudanças, mantendo, porém, intocável a relação de dominação. São as **mudanças periféricas** da articulação social, frágeis e irresistíveis à crítica.

MONSENHOR ROMERO: UMA EXIGENTE CONVERSÃO CRISTÃ

Texto de JUAN HERNANDEZ PICO, condensado por José M. Rocafiguera e traduzido do original espanhol por Neyde Vieira da Cunha.

O leitor de língua castelhana pode ter acesso aos escritos de Jon Sobrino (**Monsenhor Romero, mártir da libertação**, Folhetos PPC) ou de Ignacio Ellacuria (in **Sal Terrae**, dezembro de 1980), sobre a figura gigantesca do arcebispo-mártir de El Salvador, assassinado em nome de Deus pela oligarquia de seu país, no dia 24 de março de 1980. Completamos estes escritos com o estudo de um teólogo guatemalteco, que analisa não sua figura ou sua obra, mas sim

o conteúdo concreto daquilo que Monsenhor Romero costumava chamar "sua conversão". Uma conversão que após o ter levado ao martírio se torna apelo à conversão de toda a Igreja e de toda a Hierarquia. A publicação desse artigo quer ser, além disso, uma grata homenagem a Monsenhor e à Igreja perseguida da América Latina, assim como um ato de resistência frente aos que, depois de o terem excluído do mundo dos vivos, querem agora apagar sua memória da lembrança dos mortos.

MAIS QUE UM PRONUNCIAMENTO, UM TESTEMUNHO

Em São Salvador, nos freqüentes encontros com os redatores de **DLÁ-LOGO**, Monsenhor Romero nos perguntava sempre: "Quanto tempo vão ficar?" Era a expressão simples do desejo de comunhão de idéias e compromissos com todos os que ansiavam por tornar viva a palavra de Deus junto dos pobres, nos processos latino-americanos de libertação. Nenhuma palavra se desperdiçava: o clamor de justiça e dignidade de nos-

so povo da Guatemala ressoava cantante e profético em suas homilias dominicais. Era uma forma de afirmar o desejo de ouvir o numeroso povo de Deus e o próprio Deus do povo, em suas narrativas concretas. Porque o relato da fé comprometida e a escuta do compromisso de outros foram os degraus peculiares à conversão cristã de Monsenhor.

É desta conversão que queremos falar. Monsenhor Romero havia com-

preendido perfeitamente que o Evangelho de Jesus segundo Marcos, além da iminência do Reino, prega a conversão, a necessidade de nos fazermos homens novos. E entendera a premência de resgatar a conversão de um isolamento secular interior e espiritualista. Por isso afirmava como critério para avaliar os frutos de alguns Exercícios: "Eu mediria... o valor ou a ineficácia de alguns Exercícios na medida em que os homens saídos destas reflexões profundas sejam daqueles de que necessita nossa América: homens novos, para organizar estruturas novas no que estiver a seu alcance".

Antes de ser arcebispo

Desde ser nomeado bispo-auxiliar de São Salvador, Monsenhor Romero foi um exemplo insuperável dessa conversão. Já possuía, na época, dois traços admiráveis: uma excepcional honestidade de consciência e o dom da palavra. Porém, em 1972, quando o conhecemos, sua imagem era a de um bispo conservador, espiritualista, que polemizava com sacerdotes e leigos imbuídos do espírito de Medellín, através do órgão diocesano "Orientação", e pensava que o clamor de justiça era um reducionismo sociológico e uma politização da fé. Como Secretário da Conferência Episcopal de El Salvador, freou o quanto pôde a aplicação dos princípios de Medellín, a ponto de seu antecessor, Monsenhor Luís Chavez, ver-se obrigado a afastá-lo de responsabilidades diocesanas. E sua nomeação como arcebispo de São Salvador, a julgar pela euforia de determinada imprensa, dos meios governamentais e do núncio, conhecido

por seu conservadorismo teológico e social, significava, sem dúvida, a vontade de refrear as posições eclesiais avançadas e de propiciar um período de cooperação com o Estado, reconciliando "as duas potestades" e devolvendo a "paz" à Igreja, com o controle dos sacerdotes "politicizados".

Foi o sangue do Padre Grande

Porém, vinte dias depois de sua posse, aos 12 de março de 1977, era assassinado o Pe. Rutilio Grande, SJ. Monsenhor velou o corpo durante toda a noite, acompanhando os camponeses e trabalhadores da região. E alguns dias mais tarde, rompendo toda uma tradição de silêncios amistosos e transações discretas com os governantes, exigiu de público o esclarecimento do crime, apoiou uma iniciativa de greve de protesto das escolas católicas e decidiu, com amplo apoio do clero e colaboradores pastorais, celebrar no domingo seguinte uma única missa em toda a arquidiocese, no parque em frente à Catedral. Nem pressões governamentais, nem ordens da nunciatura puderam bloquear a iniciativa que solidificava indelevelmente e de forma jamais vista a união da maioria dos agentes de pastoral e do povo com seu arcebispo.

Aos 5 de maio de 1977, encontramos Monsenhor Romero no aeroporto de São Salvador, despedindo-se de um sacerdote estrangeiro expulso do país depois de haver sido detido e maltratado pela Guarda Nacional. Quando o felicitamos por suas recentes atitudes, confessou-nos: "Foi o sangue do Pe. Grande. Outras forças me haviam afastado de

vocês. Agora, porém, estamos de novo juntos”.

O clamor do sangue do povo

Por caridade jamais nomeou estas forças representantes de uma espiritualidade triunfalista e desencarnada, despreocupadas do pecado estrutural e que não tomavam o partido dos pobres. Mas ali estava a afirmativa: “Foi o sangue do Pe. Grande”. Era o sangue de um simples pároco rural que, com uma pastoral renovada, despertara a consciência dos camponeses explorados de sua paróquia de 30 000 pessoas. Este despertar religioso, inteligente e solidário, ressuscitara o sentido de dignidade dos oprimidos de El Salvador, concretizando-se num inusitado florescimento de organizações populares. A oligarquia e seus colaboradores no Exército e nas Forças de Segurança do Estado responderam com a tortura, o assassinato e os massacres nas ruas da cidade. Antes do sangue do Pe. Grande já ocorrera o do povo. Mas os clamores de ambos chegaram fundidos e irmanados aos ouvidos de Monsenhor. Não protestou pelo sacrilégio contra o sacerdote, mas pelo sacrilégio contra o homem, contra o templo e a imagem de Deus, contra o irmão. E por isso começou a reclamar e denunciar: pelo sangue do povo.

Apoiou, logo a seguir, um estudo teológico sobre a perseguição à Igreja, redigido pelo Secretário Social da Arquidiocese não como um inventário de assassinatos, torturas, deportações e repressões que haviam convertido a atividade pastoral, a catequese ou a missa de domingo em algo tão perigoso quanto uma mani-

festação das massas, mas com a intenção de explicar que a repressão ao povo era perseguição à Igreja e morrer pela justiça, um martírio em sentido autêntico.

Desde o início de sua missão de arcebispo as multidões sofridas, descontentes e mártires de El Salvador rodearam-no como o fizeram em torno de Jesus as turbas oprimidas por enfermidades, “demônios” e necessidades não satisfeitas. Ao Arcebispo acorriam as mães dos desaparecidos, as famílias de desempregados, os militantes de organizações populares; e Monsenhor os acolhia, atendia e sustentava, com suas dores e sua dignidade emergente. Ele mesmo se fez clamor pela justiça e pela dignidade de seu povo. A reação foi brutal; talvez mesmo inesperada.

A explosão do ódio, fonte inesgotável de conversão cristã

Nesses primeiros meses se consolida sua conversão, em que o acompanhamos muitos em toda a América Central, arrebatados pela atração de uma mudança de vida, de amor e de interesses. E o impacto maior foi sem dúvida a explosão do ódio.

Os pobres haviam irrompido no cenário. Mas não pediam esmolas ou misericórdia individual. Reclamavam, como membros de classes populares majoritárias, papel de protagonista no processo de sua libertação com vistas a uma sociedade justa e fraterna, em conflito com os projetos das minorias exploradoras. Muitos reclamavam seus direitos em nome de Deus de Jesus Cristo; outros, apenas em nome de sua dignidade de homens e de trabalhadores.

Monsenhor abraçou a justiça da causa de todos, seus sofrimentos, seus sacrifícios, sua dignidade; e anunciou que a nova sociedade que pretendiam, sem oprimidos nem opressores, era um sinal do Reino de Deus.

A explosão de ódio foi sem medidas. A adulação anterior a quem acreditavam a serviço de interesses oligárquicos deu lugar a campanhas de cólera e crueldade surpreendentes, através da imprensa. O ódio, todavia, abateu-se principalmente sobre os que reclamavam dignidade. Caíram as máscaras do paternalismo em El Salvador. Surgiram então o

rosto do pecado estrutural, apoiado em interesses de classe, em ódios pessoais, e a ditadura da burguesia, disposta a humilhar, torturar, fazer desaparecer e assassinar. No íntimo de Monsenhor arraigou-se firmemente a convicção de que esse pecado estrutural, que mata o Filho de Deus e os filhos de Deus, devia ser erradicado de El Salvador, o que resultou em fonte inesgotável de conversão cristã. A morte e a violência repressiva atingiam sacerdotes, catequistas, religiosas e a Igreja que aceitava ser dos pobres; e alvejavam o próprio Monsenhor, cuja imagem pessoal e pública procuraram aniquilar logo de início.

ETAPAS DE SUA CONVERSÃO

Tratamos de sistematizar a conversão de Monsenhor Romero tanto nos aspectos que tangem a uma substituição de interesses, pessoas e grupos, como nos que expressam graus de aprofundamento que antes pareciam impossíveis. É o que vamos detalhar nos itens a seguir.

1. Mudança de conselheiros

O primeiro marco de sua conversão foi intereclesial. O assassinato de Rutilio Grande trouxe à luz os que se agrupavam em torno da unidade eclesial que se formou e os que dela se ausentavam. Inevitavelmente a conversão de Monsenhor implicou no afastamento de conselheiros espiritualistas e desencarnados, partidários da conciliação com o Estado a qualquer preço, e em sua substituição por colaboradores, leigos e sacerdotes, valentes no confronto, em

nome de Deus e do povo, com o poder ditatorial repressivo.

2. Do diálogo com o Estado ao diálogo com o povo

Quase simultaneamente — e de acordo com sua afirmação de que não é a Igreja que está em conflito com o Estado nem cabe à Hierarquia atuar como um poder, mas é o Estado que está em conflito com o povo — negou-se, pessoal e oficialmente, a dialogar como um poder com o Governo. Converteu-se a uma nova solidariedade, a ser do povo e a servir ao povo; portanto, a dialogar com o povo e constatar, precisamente neste diálogo, o conflito da Igreja com o Estado. Isto foi formulado de maneira bem clara em Puebla: “Uma Igreja que se faz notar não só como magistério, mas como povo. Povo que nela coloca sua esperança;

povo que é, ele mesmo, a Igreja. Um Cristo encarnado em uma Igreja latino-americana de pobres, de oprimidos, de sofredores”.

3. Do espiritualismo à fé comprometida

Deu um terceiro passo ao compreender que era falsa uma redução **unilateral e exclusiva** dos problemas dessas maiorias exploradas a temas espirituais da salvação eterna e da vida após a morte. Sempre orientou no sentido de uma vida superior a qualquer realização histórica, entretanto assumiu os problemas da fome, do desemprego, do monopólio da terra, da onipotência do capital e do direito à vida como problemas fundamentais do amor cristão e sinais da vida plena que pregava, assim como um teste efetivo capaz de mostrar se se ama aos irmãos de Jesus, o único ser absoluto, mediador de Deus na terra.

4. Do serviço à instituição ao serviço à fé e à vida do povo

Na vivência da solidariedade com o povo, Monsenhor Romero abandonou a perspectiva “eclesiástica” como critério de discernimento cristão da vida da comunidade. Bem antes relegou a defesa da instituição e de seus aparatos de poder ou de influência social. Pôs em risco sua emissora de rádio, convencido de que sua mensagem não estava ligada à posse de ondas sonoras; não negociou com o Estado, legitimando seu domínio, uma situação de privilégio para as instituições católicas. Sua perspectiva resumiu-se na vida e na fé do povo. E por isso logrou

tornar credível a esperança e a vida da fé.

5. De “sentir com a Igreja” apenas na Hierarquia a “sentir com a Igreja” encarnada nos pobres

“Sentir com a Igreja” foi o lema das insígnias de seu arcebispado. Começou por concretizar esta exigência numa lealdade ao magistério e em especial ao Papa. Lealdade que curiosamente seleciona e ouve muito bem o que há de tradicional e não capta jamais o que há de novo neste magistério. Lealdade que não assume o essencial do Evangelho nas situações concretas da Igreja e de suas realidades locais, mas que tudo espera de uma liderança universal que basta aplicar mecanicamente às circunstâncias particulares.

Monsenhor Romero afastou-se desse tipo de lealdade que se traduz em falta de liberdade, de espírito criador e às vezes, pior ainda, em evasão e servilismo. Suas visitas ao Papa foram, de acordo com suas próprias palavras, com o intuito de manter uma comunhão no estilo de Paulo quando subiu a Jerusalém para ver os apóstolos. Foi a Roma levar a realidade viva e criadora de sua Igreja e a palpitante realidade de seu povo. Foi dizer claramente e com plena liberdade: assim se manifesta o Espírito em nossa história, e quero ser fiel a esse Espírito. Na última visita a Roma, antes de ser morto, falou com o Papa sobre a defesa da fé no contexto da defesa dos direitos do pobre, e expressou claramente que se devia exigir das organizações populares de El Salvador respeito à fé do povo como parte de

sua obrigação de justiça. Por outro lado, também externou que, na conjuntura salvadorenha, proclamar este dever partindo de um anticomunismo radical pareceria legitimar o injusto anticomunismo da oligarquia.

Durante esta conversa Monsenhor compreendeu o que anteriormente havia formulado outro grande bispo americano: ser bispo na Igreja (se a aspiração não se limita a fazer carreira eclesiástica) obriga à máxima liberdade, pois consagra e compromete para o serviço maior do anúncio e da realização da alegria dos pobres. Paralelamente à sua conversão resistiu a pressões da Cúria e chegou em pessoa a "Pedro", passando por cima de organizações e mecanismos centrados na glória ou na força da Igreja e não na glória de Deus, que é a vida do pobre. Em Puebla formulou o trajeto desta conversão, ao dizer: "O sentir com a Igreja de Santo Inácio seria o sentir com a Igreja encarnada neste povo necessitado de libertação". Trata-se sem dúvida da conversão a uma fidelidade dialética e difícil, que sabe que o Espírito fala no Pastor que preside a comunhão das Igrejas e também no potencial evangelizador dos pobres.

6. Da ação do Espírito na Igreja à ação do Espírito na História

Seguindo o mesmo raciocínio, chegou na teoria e na prática à convicção de que o Espírito Santo não limita ao campo dos crentes sua ação na história, mas a estende a toda obra de amor no seio da histó-

ria do homem. Por isso, embora crendo profundamente no enfoque cristão explícito, encarnado e comprometido, o processo histórico de libertação, reconheceu também com humildade a autenticidade humana o enfoque não cristão; e nunca baseou seu apoio aos projetos populares na confissão religiosa de seus participantes. No âmago desse processo de conversão à liberdade de Deus estava o conceito da real glória de Deus, em sentido cristão, que assim formulou: "Hoje o 'para maior glória de Deus' traduziríamos no homem, que é glória de Deus na medida em que se realiza, se liberta, se promove".

7. Do pobre individual ou multidão aos pobres organizados

No processo de encarnação de sua fé, com referência aos pobres, sua conversão solidificou-se em uma opção preferencial por eles. Não como compaixão por um ou pelos sofrimentos de todos, mas como defesa do direito dos pobres a possuir a terra, a promover seus próprios projetos históricos e a ter suas próprias organizações para a reconquista da dignidade em uma fraternidade real. Nesta linha está sua defesa das organizações populares que não lhe permitiu alheiar-se delas. Por isso denunciou a violência institucionalizada, raiz de todas as violências, e a violência repressiva, a violência como autodefesa do povo e como direito da insurreição popular revolucionária, quando todos os demais meios de buscar a justiça se haviam esgotado.

8. Do princípio de defesa dos pobres à opção por um projeto histórico concreto

O passo para uma fé mais encarnada, percorrida a etapa vista no item anterior, ele o deu por ocasião de duas crises históricas em El Salvador. De denúncia do regime repressivo passou a um apoio esperançoso ao projeto de 15 de outubro de 1979, da primeira Junta de Governo. Moviam-no o desejo de poupar seus concidadãos do terrível preço em vidas humanas de uma guerra civil e a confiança em reformas profundas e estruturais e na imagem pessoal de alguns dos dirigentes. Condição seu apoio a um juízo condenatório dos crimes anteriores, como um sinal de rutura com um passado triste; a uma informação veraz sobre os desaparecidos e à rapidez e concretização das reformas.

Quando esta crise se esclareceu com a impotência da Segunda Junta, aos 2 de janeiro de 1980, voltou a tomar partido concreto em favor do projeto da Coordenadora frente ao da oligarquia e ao da Junta, denunciando a militarização mascarada do campo salvadorenho da projetada reforma agrária e, em carta ao Presidente Carter, a realidade do intervencionismo estadunidense; finalmente, exigindo a desobediência dos soldados às ordens iníquas dos oficiais.

9. Da disponibilidade abstrata de dar a vida à disponibilidade concreta

A conversão de Monsenhor Romero chegou ao ápice nessa atitude de simples porém imensa solidariedade. Durante dois anos e meio procuraram matar sua imagem pessoal,

tentando-se inclusive removê-lo do Arcebispado. A disponibilidade de dar a vida andava lado a lado com a consciência da impossibilidade de que tal fato sucedesse.

Todavia, nos seis meses que a antecederam a morte violenta convertia-se cada vez mais em um destino provável. Quando o medo sufoca o espírito e a maioria se detém, quando são mais fortes as vozes da prudência, Monsenhor não as ouve. Marcha sereno para a última encarnação da fé, para a identificação com seu povo assassinado, aceitando a morte violenta e seu sentido: "Fui freqüentemente ameaçado de morte... Como pastor estou obrigado por mandato divino a dar a vida pelos que amo, todos os salvadorenhos, mesmo pelos que me vão assassinar... O martírio é uma graça de Deus que não creio merecer. Mas se Deus aceita o sacrifício de minha vida, que meu sangue seja semente de liberdade e sinal de que a esperança breve se converterá em realidade. Minha morte, se aceita por Deus, que seja pela libertação de meu povo e um testemunho de esperança no futuro... Perdão e bendigo aos que o fizerem... Perderão seu tempo: um bispo morrerá, mas a Igreja de Deus, que é o povo, não perecerá jamais", declarou ao *Excelsior* do México, uma semana antes de seu assassinato.

Na aceitação do fim trágico se condensam muitas das etapas anteriores de conversão: o amor concreto à libertação do povo, a esperança de que o projeto libertador incluía a todos que o aceitem, fé em uma Igreja mais abrangente que a das fronteiras institucionais.

UM "HOMEM NOVO", RECRIADO E LIBERTADO

Vimos Monsenhor Romero pela última vez oito dias antes de seu assassinato, quando recebeu o testemunho de solidariedade da Igreja nascida do Espírito entre os pobres da América Latina. Voltou a perguntar-nos quanto tempo íamos ficar. Estávamos diante de um "homem novo", recriado, libertado.

Nós o conhecêramos evasivo, tradicional, e o recuperávamos forte ante o Estado opressor e seu povo, audaz ante os desafios, em permanente procura de amizade e conselho, tendo estabelecido sua posição no meio das massas e captado o dom do Espírito em seu povo. Nós o conhecêramos homem de burocracias silenciosas, de passos discretos. Agora era um homem de veredas rurais, de barracões e tugúrios, de catedral repleta de pobres.

Mudara tanto seu estilo que influenciou muito pouco na redação dos documentos finais de Puebla, de tal forma que alguns duvidaram de sua grandeza e rezearam a presença de forças ocultas amparando-lhe a fama. Somente uns poucos, em sintonia com Monsenhor, reconheciam naquele carisma uma propriedade do povo, e confiaram nele a ponto de se fazerem solidários com o conteúdo de suas cartas a Carter, sem as terem lido. "Tratando-se de Mon-

senhor Romero, não é preciso lê-las para estar solidário como ele", disse D. Helder Câmara.

Nós o conhecêramos desintegrado, fragmentado, inclusive psicologicamente, no cárcere de sua retidão e de esquemas conservadores; e o reencontramos integrado, alegre, profundamente livre e independente, com uma segurança ética que não se quebrou nos três anos de arcebispo, nem com as pressões do Estado ou das cúrias, nem com a expulsão de seus sacerdotes e as ameaças contra sua vida. Um homem de sorriso aberto para o mundo, de coração ferido e em carne viva perante cada injustiça pessoal, parte da enxurrada de injustiças estruturais que lhe coube enfrentar.

Finalmente o havíamos conhecido como homem de fé desencarnada, de uma espiritualidade unilateral; e o reencontramos crente no Senhor da história e no Espírito que sopra nos projetos libertadores dos pobres. "Homem novo" certamente, humilde na conversão com que se acolhem os sinais do Reino que está vindo. Muitos lhe seguirão os passos e muitos viverão alimentados por suas atitudes, embora ele já não possa celebrar na terra a missa de triunfo do povo salvadorenho.

Repetir o fundador, reconstruir seus modelos, com freqüência, provocará caricaturas. A meta de todos é buscar atualizar a resposta que se deve dar hoje, na força da experiência espiritual do fundador.

A DIMENSÃO DA FÊ A PARTIR DA OPÇÃO

Monsenhor Oscar A. Romero

*Discurso por ocasião do Doutorado
Honoris Causa, conferido pela Universidade
de Louvain, no dia 2 de fevereiro de 1980 (1).
Traduziu do original espanhol: Neyde Vieira da Cunha.*

Uma Igreja a serviço do mundo

Devemos deixar claro desde o início que a fé em Cristo e a atuação da Igreja sempre tiveram repercussões sócio-políticas. Por ação ou por omissão, pela convivência com um ou outro grupo social, os cristãos sempre influíram na configuração sócio-política do mundo em que vivem. O problema é como deve ser esta influência para ser verdadeiramente segundo a fé.

Como idéia inicial, embora se trate de algo muito generalizado, quero colocar a intuição do Concílio Vaticano II, que está na base de todo

movimento eclesial da atualidade. A essência da Igreja encontra-se em sua missão de serviço ao mundo, missão de salvá-lo em sua totalidade, de salvá-lo na história, aqui e agora. Assim como Jesus, a Igreja existe para evangelizar os pobres, soerguer os oprimidos, buscar a salvação do que estava perdido (LG 8).

(...) Meu enfoque consistirá em tornar concretas estas belas palavras a partir da própria situação de um pequeno país latino-americano, típico do que hoje se chama Terceiro Mundo. Sem mais delongas e em termos que resumem e concretizam tudo, o mundo a que deve servir a Igreja é, para nós, o dos pobres.

Nosso mundo salvadorenho não é uma abstração, não é apenas mais um daqueles que países desenvolvidos como o vosso entendem por "mundo". É um mundo formado em sua esmagadora maioria por homens e mulheres pobres e oprimidos. E dele dizemos que é a chave para

(1) Retiramos vários parágrafos da primeira parte do discurso. O texto completo pode ser lido em **A Voz dos sem voz. A palavra viva de Mons. Romero**. Introdução, comentário e seleção de textos de J. Sobrino, I. Martín-Baró e R. Cardenal. São Salvador: UCA Editores, 1980.

compreender a fé cristã, a atuação da Igreja, a dimensão política desta fé e desta atuação. São os pobres que nos dizem o que é o mundo e qual o serviço eclesial nele; o que é a "polis", a cidade, e o que significa para a Igreja viver realmente no mundo. (...)

Encarnação no mundo dos pobres

Como em outros lugares da América Latina, há muitos anos e talvez séculos, ecoaram entre nós as palavras do Êxodo: "Ouvi o clamor de meu povo, vi a opressão que lhe impõem" (Êx 3,9). Estas palavras da Sagrada Escritura deram-nos novos olhos para ver o que sempre esteve diante de nós, porém tantas vezes oculto, até mesmo aos olhos da própria Igreja. Aprendemos a reconhecer qual o fato primordial de nosso mundo e, como pastores, julgamo-lo, em Medellín e Puebla. "Essa miséria, como realidade coletiva, é uma injustiça que clama aos céus" (Medellín, Justiça, 1). E em Puebla declaramos "como o mais devastador e humilhante flagelo a situação de pobreza desumana em que vivem milhões de latino-americanos e que se exprime, por exemplo, em mortalidade infantil, em falta de moradia adequada, em problemas de saúde, salários de fome, desemprego e subemprego, desnutrição, instabilidade no trabalho" (29).

Constatar tais realidades e sofrer seu impacto, longe de nos afastar da fé, reconduziu-nos ao mundo dos pobres como nosso verdadeiro lugar; impeliu-nos, como posição fundamental, a nos encarnarmos neste mundo. Nele encontramos as fisionomias

concretas dos pobres de que Puebla nos fala (cf 31-39). Encontramos os camponeses sem terra e sem trabalho estável, sem água e luz em suas moradias precárias, sem assistência médica às mulheres durante o parto, sem escola para os filhos que começam a crescer. Encontramos operários sem direitos trabalhistas, despedidos das fábricas se reclamam e à mercê dos frios cálculos econômicos. Encontramos gente morando em tugúrios cuja miséria supera qualquer imaginação, vivendo o permanente insulto dos palacetes próximos.

Neste mundo sem feições humanas, sacramento atual do servo sofredor de Javé, a Igreja de minha arquidiocese procurou encarnar-se. Não o declaro com espírito triunfalista, pois bem conheço o muito que ainda nos falta progredir nesta encarnação. Porém digo-o com imenso prazer, pois fizemos o esforço de não passar ao largo, de não virarmos o rosto ao viajante ferido; aproximamo-nos dele como o fez o bom samaritano.

Esta proximidade com o mundo dos pobres é o que entendemos simultaneamente como encarnação e conversão. As mudanças necessárias dentro da Igreja, na pastoral, na educação, na vida religiosa e sacerdotal, nos movimentos leigos, que não conseguíamos fazer ao nos fixarmos apenas no interior da Igreja, estamos conseguindo agora ao nos voltarmos para o mundo dos pobres.

O anúncio da Boa Nova aos pobres

O encontro com os pobres permitiu recuperar a verdade central do

Evangelho, através da qual Deus nos impele à conversão. A Igreja tem uma Boa Nova para anunciar aos pobres. Aqueles que durante séculos ouviram más notícias e viveram realidades ainda piores ouvem agora, através da Igreja, a palavra de Jesus: "O Reino de Deus está próximo". "Felizes os pobres, pois deles é o Reino de Deus". E eles possuem também uma Boa Nova para anunciar aos ricos: que se convertam ao pobre, para compartilharem os bens do Reino. (...)

É um fato novo os pobres verem hoje na Igreja uma fonte de esperança e um apoio à sua nobre luta pela libertação. A esperança fomentada pela Igreja não é ingênua nem passiva. É mais um apelo a partir da palavra de Deus à própria responsabilidade das maiorias pobres, à sua conscientização e organização, em um país onde, com maior ou menor intensidade, isto é proibido por lei ou de fato. E é um respaldo, às vezes também crítico, às suas justas causas e reivindicações. A esperança que pregamos tenciona devolver-lhes a dignidade e animá-los a serem eles mesmos executores de seu destino. Em uma palavra, a Igreja não apenas se voltou para o pobre como faz dele o destinatário privilegiado de sua missão, porque, como diz Puebla: "Deus toma a sua defesa e os ama" (1142).

Compromisso com a defesa dos pobres

A Igreja não só se encarnou no mundo dos pobres e lhes dá uma esperança; ela comprometeu-se decisivamente a defendê-los. As maio-

rias pobres de El Salvador são cotidianamente oprimidas e reprimidas pelas estruturas econômica e política dos países. Entre nós permanecem verdadeiras as terríveis palavras dos profetas de Israel. Temos os que vendem o justo por dinheiro e ao pobre por um par de sandálias; os que acumulam violência e despojos em seus palácios; os que esmagam os pobres; os que desencadeiam um reino de violência recostados em camas de marfim; os que juntam casa a casa e campo a campo até ocuparem toda a região e ficarem os únicos donos do país.

Esses textos de Amós e Isaías não são vozes distantes ecoadas há séculos, não são apenas leituras piedosas da liturgia. São fatos cotidianos, cuja crueldade e intensidade vivemos a todo momento. Vivemo-los quando nos chegam mães e esposas de presos e desaparecidos, quando surgem cadáveres desfigurados em cemitérios clandestinos, quando são assassinados os que lutam pela justiça e a paz. Em nossa arquidiocese vivemos todos os dias aquilo que Puebla vigorosamente denunciou: "Angústias causadas pela repressão sistemática ou seletiva, acompanhada de delação, de violação da privacidade, de pressões exageradas, de torturas, de exílios. Angústias em numerosas famílias pelo desaparecimento de seus entes queridos, dos quais não conseguem ter a menor notícia. Insegurança total por detenções sem ordem judicial. Angústias ante uma justiça submissa ou manietada" (42).

Nesta situação conflitiva e antagônica, onde uns poucos controlam o poder econômico e político, a

Igreja colocou-se ao lado dos pobres e assumiu-lhes a defesa. Não pode ser de outra maneira, pois só assim faz lembrar o Cristo que se compadecia das multidões. Por defender o pobre entrou em sério conflito com os poderosos das oligarquias econômicas, com os poderes políticos e militares do Estado.

Perseguida por servir os pobres

(...) O mais importante, todavia, é constatar por que foi perseguida. Não se perseguiu a qualquer sacerdote ou a qualquer instituição. Perseguiram e atacaram aquela parcela da Igreja que se pôs ao lado do pobre e saiu em sua defesa. Aqui encontramos de novo a chave para compreender a perseguição à Igreja: os pobres. São os pobres mais uma vez que nos fazem compreender o que de fato ocorreu. Por isso a Igreja já entendeu a perseguição a partir dos pobres. Foi causada pela defesa dos pobres e só pretende sobrecarregá-los. A eles se dirigiu a verdadeira perseguição; a eles que são hoje o corpo de Cristo na história, crucificados como Jesus, perseguidos co-

mo o servo de Javé. São os que completam em sua carne o que falta à Paixão de Cristo. Por essa razão, quando a Igreja se organizou e se uniu, recolhendo suas esperanças e angústias, sofreu o que Jesus e eles experimentaram: a perseguição.

Esta é a dimensão política da fé

Eis, em breves palavras, a situação e a atuação da Igreja em El Salvador. A dimensão política da fé nada mais é que a resposta da Igreja às exigências do mundo real sócio-político em que vive. Descobrimos que esta exigência é primária para a fé, mas que a Igreja não se considera instituição política que vai competir com outras, nem possui mecanismos políticos próprios. Muito menos deseja nossa Igreja uma liderança política. Trata-se de algo mais profundo e evangélico; trata-se da verdadeira opção pelos pobres, de encarnar-se no mundo, de anunciar uma Boa Nova, de dar aos pobres uma esperança, de impeli-los a uma práxis libertadora, defender sua causa e participar de seu destino.

Imagem e linguagem pouco corretas

Sem liberdade de articulação dos elementos essenciais da Vida Religiosa, esta se torna uma abstração jurídica e ideológica. Por isso, é essencial superar certas **concepções incorretas de imagem e de linguagem**. Exemplos: Não sacralizar a Vida Religiosa como estado de perfeição; não situá-la na linha de distinção dos ministérios dentro da comunidade cristã e sim na linha de igualdade fundamental; não compreendê-la como afastamento do mundo; deixar de expressá-la com uma terminologia própria de toda e qualquer resposta verdadeiramente cristã. Leia, com vagar, o artigo do Pe. Spencer Custódio Filho, à página 465.

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PASTORAL VOCACIONAL

De 10 a 16 de maio de 1981, realizou-se em Roma, o II Congresso Internacional de Pastoral Vocacional. Representaram o Brasil Dom Antônio Celso Queiroz e o Pe. João Mellato. A seguir alguns informes deste Congresso.

Histórico do Congresso

Em 1979, as Conferências Episcopais do mundo inteiro receberam comunicado da realização do **II Congresso de Pastoral Vocacional** a ser realizado de 10 a 16 de maio de maio de 1981. A CNBB escolheu como representantes do Brasil, o Bispo da Linha 1, Dom Antônio Celso Queiroz e seu assessor, Pe. João Mellato. Estes entraram em contato com a Secretaria da Sagrada Congregação, para detalhes do Congresso.

Local: Roma, Vaticano, Sala do Sínodo. **Datas:** 10 a 16 de maio de 1981. **Tema:** O desenvolvimento da Pastoral Vocacional nas Igrejas Particulares. Experiências do passado. Programas para o futuro. **Participantes:** Arcebispos, Bispos das conferências nacionais com a s s e s s ores convidados. Superiores e Superiores Gerais, Coordenadores Gerais de Institutos Seculares, Sacerdotes, Irmãos, Irmãs, Diáconos e Leigos. **Documento:** Ficou estabelecido que o Congresso elaboraria um Documento de Pastoral Vocacional. Este Documento passou pelo seguinte processo:

1. Trabalhos nas Bases. Até julho de 1980, os representantes escolhidos pelas Conferências Episcopais deveriam colher dados dos respectivos países, sintetizá-los e enviá-los à Sagrada Congregação. A Equipe da Sagrada Congregação sintetizou os trabalhos dos 700 documentos chegados de todos os pontos do mundo, remetendo a todos os congressistas um Documento de Trabalho.

2. Trabalhos do Congresso. Os 250 congressistas de mais de 75 países, a partir de dados do documento de trabalho e através de grupos de estudo e sessões plenárias, elaboraram um documento provisório.

3. Trabalhos da pequena Comissão Representativa. O Documento Provisório, aprovado pelos congressistas, está nas mãos de um pequeno grupo que dará uma redação final às proposições aprovadas em plenário, no final do Congresso.

Realização do Congresso

No dia 10 de maio de 1981, o Congresso foi inaugurado com uma Celebração Eucarística presidida pelo Santo Padre, o Papa João Paulo

II. Os representantes de mais de 75 países, reunidos na Basílica de São Pedro, ouviram a homilia do Papa: **Jesus, o Bom Pastor e a Porta do Redil.**

a) Cristo é o Bom Pastor e a única porta do redil das ovelhas. Pedro, Paulo, os apóstolos e os bispos são Pastores. Nenhum deles, porém, tem o direito de ser porta. Cristo reservou para si esse direito. É por ele que as ovelhas passam.

b) Esta imagem deve permanecer viva na mente de todos os batizados, principalmente dos que se encarregam do serviço de Pastoral Vocacional. Todos estão representados pelos delegados de cada nação, presentes no Congresso, unidos em oração e trabalho. O Congresso deverá ser um ponto de chegada de uma caminhada da Igreja nestes dez últimos anos e um ponto de partida para os anos futuros.

c) O desenvolvimento da Pastoral Vocacional, principalmente das vocações de especial consagração é o que ocupa o centro das preocupações da Igreja. A Pastoral Vocacional deve ser a marca do termômetro que indica a saúde e a vitalidade da Igreja. A Pastoral Vocacional deve ser o que de mais precioso a Igreja possui. Vida gera vida. Uma comunidade é viva na medida do seu florescimento de vocações para os ministérios. De terreno fértil só se pode esperar bons frutos.

d) A Vocação sacerdotal é o que de mais precioso a Igreja possui para sua vitalidade. A fonte da vitalidade da Igreja é a Eucaristia. Sem ministro ordenado a Igreja, porém, não pode ter essa fonte. O mesmo se

deve dizer sobre os demais sacramentos, principalmente o da confissão, penitência que garante essa saúde e vitalidade que a Igreja precisa ter.

e) De muitas maneiras o Papa já tem se expressado sobre sua preocupação pelo trabalho vocacional e o lugar importantíssimo que ocupa seu coração. A vocação na Igreja é uma só, a vocação cristã para a santidade. Um único fundamento, que é o sacramento do batismo. Sobre este fundamento se afirmam as vocações particulares; as vocações sacerdotais, religiosas, dos leigos com todo seu complexo de variações possíveis.

f) Que este Congresso seja coroado de êxito com as preces de toda a Igreja. Que o Congresso venha a contribuir para que pela porta passem: nova geração de pastores, verdadeiros administradores dos ministérios de Deus; uma nova geração de ovelhas que pela pobreza, obediência e castidade, livremente aceitas professam e testemunhem o Reino Novo. Que Cristo, porta das ovelhas, se abra largamente para o futuro do povo de Deus espalhado pela terra. Que Maria, modelo de toda vocação seja a nossa intercessora.

Dia 11 de maio. O Congresso iniciou seus trabalhos com a saudação do Eminentíssimo Sr. Cardeal William W. Baum, Prefeito da Sagrada Congregação para a Educação Católica. A seguir, D. Antônio M. Javierre Ortas, Secretário da mesma Congregação, fez uma Introdução ao Congresso. Por sua vez o Monseñor Francisco Marchiano, subsecre-

tário fez algumas comunicações para os trabalhos do Congresso.

A seguir, durante o dia todo, tivemos depoimentos, os mais diversos:

“O que um Bispo, hoje, pode e deve fazer pelas vocações sacerdotais e vocações de especial consagração? Que ajuda a Diocese pode e deve dar a seu Bispo?”

Deram depoimentos sobre este assunto, Bispos de Alexandria, Uganda e Alemanha.

“O que os religiosos esperam dos Bispos e vice-versa?”

Deram seus depoimentos: um Superior e uma Superiora Maiores e uma Moderadora Geral de Instituto Secular.

Pelos Leigos falou o Presidente Internacional do Movimento Serra. **Pelos Diáconos**, falou um diácono de Roma. **Um pároco** falou sobre as responsabilidades de uma paróquia. As igrejas de dentro das cortinas de ferro falaram sobre sua vida. **Um Irmão Salesiano** falou sobre sua vocação e trabalhos em escolas católicas. **Um casal** falou sobre sua experiência com a vocação de uma de suas filhas, que de membro atuante nas comunidades de jovens, resolveu optar pela vida religiosa.

Dias 12 a 14 de maio. Os membros foram divididos em cinco grupos: Língua italiana: 54 pessoas de 12 países. Língua francesa: 52 pessoas de 16 países. Língua espanhola: 54 pessoas de 16 países. Língua inglesa: 44 pessoas de 17 países. Língua alemã: 42 pessoas de 12 países. Estudaram o tema central do Con-

gresso a partir do documento de trabalho. O documento consiste numa síntese de 700 depoimentos de Igrejas Particulares do mundo inteiro.

Dia 15 de maio. Os grupos trabalharam na parte da manhã e a comissão de redatores congressistas trabalhou pela tarde, para dar corpo a um ante-projeto do documento final do Congresso. Durante a parte da tarde houve também uma reunião dos representantes da América Latina, convocada pela DEVYM (Departamento de Vocações e Ministérios) do CELAM.

Dia 16 de maio. Reunidos em Plenário, os Congressistas aprovaram, **grosso modo**, as 48 proposições do Documento Final, que tem esta estruturação:

I — Introdução. Desafios do ano dois mil. A Igreja e o mundo dos jovens. A vocação da Igreja e Pastoral Vocacional.

II — Reflexão Teológica.

III — Igreja Particular e Pastoral Vocacional. A identidade da Igreja particular é o seu serviço no mundo. A responsabilidade da Igreja Particular perante a Pastoral Vocacional. A responsabilidade das pessoas consagradas e Pastoral Vocacional. O bispo. Os presbíteros. Os religiosos e religiosas. Os consagrados no mundo. Os leigos, missionários, catequistas, educadores e agentes de Pastoral Vocacional. A responsabilidade das Comunidades eclesiais. Família, Paróquia, CEBs, Grupos eclesiais, movimentos, associações.

IV — Oração e Pastoral Vocacional.

V — Pastoral da Juventude e Vocação. Iniciação à vida eclesial. Fundamentos da fé. Responsabilidade dos jovens e suas reais capacidades. Os jovens e suas responsabilidades com outras faixas etárias.

VI — Catequese e Pastoral Vocacional. Uma catequese essencialmente Vocacional. Uma Catequese bíblica. O ensino e o testemunho de vida. Formação de catequistas. Relacionamento entre a Pastoral Vocacional Catequética.

VII — Acompanhamento vocacional. 1 — Ponto de partida. 2 — Formas de acompanhamento: individual, em grupos. Institucionalizado (Seminários Menores). 3 — Obstáculos, pistas e qualidade. Exigências e rumos para o futuro. Qualidades de um Orientador vocacional.

VIII — Organismos e estruturas. Nível Nacional. Nível diocesano. Congregações religiosas. Centros Vocacionais. Escola Católica. Famílias. Vocações adultas. Meios de Comunicação social.

IX — Conclusão. A Pastoral Vocacional é responsabilidade de toda Comunidade Eclesial.

Tão logo chegue às nossas mãos a primeira redação do "grupo de serviço do Congresso", fá-la-emos chegar às mãos dos Regionais para que também os agentes diocesanos e Regionais possam dar sua contribuição para a redação final. Aguardemos, em espírito de oração, para que a CNBB, em comunhão e participação com a Igreja universal ajude a encontrar pistas para um futuro promissor da Pastoral Vocacional, "centro das preocupações da Igreja", conforme as palavras do Papa João Paulo II.

Segurança — Burocracia — Dominação

Três notas características marcam a tendência de toda instituição de se perpetuar: **Primeira:** A busca constante de segurança. **Segunda:** A criação de ritos burocráticos repetitivos do passado. **Terceira:** Uma relação de dominação. Tal esquema é observável em grandes e pequenas estruturas sociais. É significativo que, no momento atual de transição da Vida Religiosa, grupos com pequena dimensão espiritual procurem reconstruir sua segurança justamente na recuperação dos esquemas do passado.

Até onde é adequada à realidade esta observação?

O passo inicial mais simples para situar-se nas **relações de dominação** é o saber. Preocupa-se pela qualificação sempre maior e constante independentemente de um serviço objetivo ao outro. Torna-se consumidor de atividade intelectual. Incentivam-se o ter e o poder. Retém-se em benefício de alguns o que é patrimônio de todos. Para compensar, produzem-se belos textos.

DOIS DEPOIMENTOS

Na página 503, Você encontra o informe sobre o II Congresso Internacional de Pastoral Vocacional. Nestas páginas finais de CONVERGÊNCIA, Você lerá dois depoimentos a este respeito. O primeiro, do Irmão José Paulo Basterrechea, o Superior Geral dos Irmãos Lassalistas. O segundo, de Dom Ibrahim Helou, Arcebispo Católico de Saida, no Líbano.

ESCOLAS CATÓLICAS E AS VOCAÇÕES

Ir. José Paulo Basterrechea, FSC

Convidado há algumas horas para apresentar um testemunho, vou fazê-lo com brevidade, espontaneidade, a menor desordem possível, e também com a sinceridade calorosa que corresponde a esse **testemunho**.

1. A escola católica e as vocações — Sua **interinfluência** evidencia-se no fato de terem sofrido e sofrerem ainda crises parecidas, como se se tratassem de vasos comunicantes de uma linfa vital: crise de identidade. Da **influência da escola católica** — naturalmente não exclusiva, mas ligada a vários elementos que conduzem à maturidade cristã — fala-nos o número, difícil de ser apoiado por estatísticas exatas, das vocações nela geradas, germinadas ou desabrochadas. Creio que alguns de nós aqui reconhecemos tal procedência, ao identificarmos o problema ou mistério de nossa vocação pessoal.

De fato, em minhas visitas a tantas de nossas escolas nas cinco partes do mundo, vou tendo ocasião de encontrar não poucos círculos ou clubes de alunos estudando, aberta, organizadamente e em comum, o problema de suas vocações.

2. Ao citar ESCOLA CATÓLICA, usamos uma abstração. Precisaríamos descer à realidade concreta de tantos e tão variados tipos de escolas que se registram como católicas, para poder dizer melhor como influem e como poderiam influir nas vocações jovens.

Pretender definir o que devemos entender por **ESCOLA CATÓLICA** não é da natureza de um testemunho nem entra em seu âmbito. Contentar-me-ei em afirmar que o que pedimos e desejamos para a Igreja e para um reflorescimento de voca-

ções é que as escolas a que agora nos referimos sejam **VERDADEIRAMENTE ESCOLAS CATÓLICAS**, como forma privilegiada da presença da Igreja no vastíssimo âmbito da educação sistemática, onde a maior parte dos pobres e adolescentes da maioria dos países que representamos passa a maior parte do tempo de sua formação.

3. Para sê-lo, para ser **CATÓLICA** e verdadeiramente cristã, pedimos a essa Escola que seja de fato **uma comunidade eclesial**, bem integrada na grande comunidade ou constelação de pequenas comunidades de uma igreja local; uma autêntica comunidade educativa dotada de superior competência acadêmica; um dos lugares privilegiados da comunidade cristã, para usar um termo adotado pelo Sínodo de 1977. Animada internamente por uma comunidade religiosa ou um grupo de leigos comprometidos capaz de definir e assegurar uma identidade sempre em risco; aberta a uma rede coesa de relações com outras comunidades, com as famílias e com os pastores.

4. Pedimos que esta escola católica **defina e afirme sua identidade** ameaçada pelas armadilhas inevitáveis de um crescente pluralismo, tanto entre os alunos, a cuja diversidade de matizes se abre cada vez mais, como entre os professores, que, conforme sejam, tornarão fácil, possível ou árdua a formação preferencial e mais cuidadosa da pessoa do educando, fato a que aludia a *Gravissimum educationis momentum*. É **um grande problema** hoje este da identidade, nos locais onde a escola católica ainda se pode mover

com alguma liberdade e se abre, generosa, a novas e múltiplas carências.

5. A Escola Católica foi vista por seus autênticos profetas, os fundadores de institutos consagrados primordialmente à educação, como **um seminário de cristianismo**, em que o ensino religioso pode alcançar uma extensão, uma articulação e uma profundidade difíceis de serem dadas em cursos esporádicos e insuficientes.

João Paulo II o recorda em *De catechesi tradendae* (69). A vocação sacerdotal ou religiosa insere-se muito facilmente nesta catequese do Mistério de Cristo, que alguns equilibristas da educação religiosa ou ideólogos opostos ao cristianismo gostariam de fazer incompatível com o ambiente escolar, e cuja presença nele queremos assegurar.

6. **Os mesmos recursos privilegiados** de formação, que se podem dar e normalmente se dão na escola católica, servem como um preparo dos caminhos do Senhor para uma melhor formação humana, uma visão mais clara e adequada do mundo e de seus problemas, uma capacidade maior de atuar sobre ele com competência, para assim propiciar a colheita de vocações mais ricas em penetração intelectual e em capacidade de melhor servir; sob a condição, é claro, de que a escola católica, coerente com sua própria definição, intensifique ao máximo a **formação concreta para o serviço e o compromisso**.

7. O ambiente da escola católica é propício para cuidar e potencializar os conhecidos dinamismos psi-

cológicos de **interiorização, radicalização e socialização**, que os pedagogos assinalam como característicos desta faixa etária, riquíssima em potencialidades e interrogações sobre o próprio futuro, que forma a população escolar.

8. A escola católica e seus responsáveis, longe de cederem a certas correntes atraídas pela neutralidade religiosa da escola como postulado moderno — que a rigor tem pouco de moderno — devem intensificar, estão intensificando em muitos lugares, **a dimensão pastoral** de seu ministério, que é, aos olhos da fé, muito mais que um simples emprego. Estão tratando de definir melhor seu projeto pedagógico, com uma definição mais clara e uma exigência mais rigorosa de verdade e de profundidade no modo de atuar entre os jovens; de aperfeiçoar muito mais a rede das relações interpessoais e intercomunitárias, que devem ser típicas da escola inspirada no Evangelho. Este é o modo de combinar a abertura generosa com uma identidade rigorosa, com uma oferta a todos, porém oferta que se-

ja forte e profundamente cristã. Isto não se dará se não for oferecida com prioridade e liberalidade aos pobres, àqueles a quem, segundo Cristo, o Evangelho é anunciado.

9. O que acabo de esboçar em linhas gerais é uma tarefa e uma missão da escola católica que trará grandes resultados com referência ao número de vocações jovens. É algo que a escola católica deve fazer, e que realmente faz em muitos de seus projetos e realidades atuais; que não realiza “in totum”, nem o poderá, porque é tarefa tão vasta quanto exigente. Interessa a todos nós, diz-nos respeito a todos, que assim o seja. O número e a qualidade de escolas da comunidade cristã é fundamental. Alguns em especial estamos chamados mais direta e responsabilmente a assegurar este progresso, empenhados em realizá-lo. Porém continua de máxima importância para o desabrochar das vocações que esta presença privilegiada da Igreja na área educativa seja ampla, forte, viva, autêntica e atuante. Que Deus o queira e que nós o mereçamos.

VENI, VENI DE LIBANO...

† Ibrahim Helou

Arcebispo de Saida

Eminências,
Excelências,
Caros Irmãos e Irmãs,

A grande honra que me concedeu a Assembléia dos Patriarcas e Bispos Católicos do Líbano para repre-

sentá-la em vosso augusto Congresso, com os membros da delegação libanesa, obriga-me a vos fazer ouvir a voz do Líbano. Este Líbano que a Santa Bíblia cantou, admirando seus cedros, suas neves eternas e sua água simbolicamente multicolor, é

hoje tema mais apropriado para uma lamentação de Jeremias, pois suporta as chamas de uma guerra atroz que o dilacera há mais de seis anos. Mas ele renasce do fogo e do sangue. Tornar-se-á mais forte que antes e mais autêntico, com a graça de Deus. Terra de fé, de acolhimento, de fraternidade, de valores eternos, certamente vive no presente momento dias negros, mas não sem esperanças. De fato, na própria festa de Páscoa, uma grande explosão criminosa em Saida, perto de minha catedral e de meu arcebispado, fez dezenas de mortos e de feridos. Logo em seguida, milícias locais atacaram os dois arcebispados e catedrais católicas gregas e maronitas, saqueados e incendiados de forma horrível. Bispos, padres e funcionários escaparam por pouco.

Tivemos a honra e a alegria de levar a Santa Cruz de Cristo Nosso Senhor exatamente no dia de sua gloriosa Ressurreição. Nosso Santo Padre, o Papa, sabedor da notícia, endereçou-me uma palavra encorajadora, repleta de afeição e de bondade paternal, condenando qualquer atentado à vida humana e qualquer reação injustificável contra inocentes e lugares de culto. Este é o momento adequado para registrar minha gratidão filial a Sua Santidade, assim como a de todos os libaneses que admiram sua infatigável solicitude pela paz no Líbano.

Se, por insistência da delegação libanesa, comecei a nos situar a partir de nosso drama como nação, é para mostrar-vos quão dura é nossa vida e que, vindo participar de vosso congresso, tivemos que nos valer de aeroportos de países vizinhos, já

que o de Beirute está fechado em virtude dos acontecimentos.

O que sustenta as vocações entre nós?

Suplementando o magistral relato feito sobre as Igrejas Orientais por meu co-irmão Monsenhor A. Agadir, permitam-me dizer que esses fatos cruentos não apenas não impediram as vocações sacerdotais no Líbano, como, pelo contrário, lograram reavivá-las. Vocações adultas e amadurecidas, religiosas e sacerdotais, bateram às portas dos seminários e dos conventos de nosso país. Vocação sempre na mesma linha de autenticidade que nos deu excelentes e santos padres e religiosos, fiéis à espiritualidade de iniciadores como os Antão, os Basílio, os Maron e tantos outros. E, se a Santa Igreja recentemente elevou aos altares o monge-eremita São Charbel Makhoul, estamos convictos de que a linhagem de santos, de nossos santos conhecidos e anônimos, continuará a alimentar nosso patrimônio espiritual, fermento vivo no seio das Igrejas Orientais e da Igreja Universal.

Deve ressaltar, aqui mesmo, a importância do papel de nossos curas de aldeia, autênticos estimuladores de vocações, pelo exemplo, o conselho e o devotamento. São verdadeiros veteranos do sacerdócio.

Uma renovação merecedora de atenção

Na medida em que os patriarcas se preocuparam em promover a vocação nos seminários, seguiu-se um interesse paralelo de perseverança:

retorno dos hesitantes, recrutamento mais amplo, vocação mais adulta e mais amadurecida, preocupação com uma formação cada vez melhor. O encorajamento geral da parte de bispos e padres foi marcado por uma atmosfera de vida fraternal. Os jovens padres prometem colaboração e rendimento.

Papel da família

Aqui cito unicamente o exemplo inesquecível da mãe que, recebendo o filho em sua primeira visita ao lar paterno após haver tomado a batina no seminário, ajoelhou-se e, beijando-lhe a bainha do hábito, disse com os olhos repletos de lágrimas: "É um sonho para mim ter uma vocação e uma veste sagrada em minha casa!" Além disso o bom Deus abençoou seu lar com três filhas religiosas. Seu seminarista, hoje bispo de sua diocese, ajoelhou-se por sua vez, ano passado, aos pés desta piedosa mãe, quando de sua partida deste mundo, para exprimir o quanto ele lhe era devedor, assim como a seu pai, por ter perseverado e obtido tantas graças do Senhor! Tomou-lhe dos dedos gelados o rosário branco, segredo de sua piedade, que guarda como lembrança preciosa.

Tal testemunho, que não é raro entre nós, esclarece e arrebatada em nível de paróquia e de diocese.

Responsabilidade eclesial

Antes da Semana das Vocações, atividade habitual e bem preparada, em que se faz sentir a presença do Patriarca e dos bispos, o ciclo da liturgia maronita celebra, há séculos, uma semana de preces em intenção

dos padres e religiosos falecidos, daqueles que trabalham na messe e dos chamados a sucedê-los. O povo de Deus ora e medita as palavras de Cristo: "A messe é grande..." Os conventos e mosteiros de comunidades orantes tornam os que lhes estão próximos mais fervorosos e mais conscientes da responsabilidade eclesial.

Controle do ambiente

Um certo senso moral, longe da condescendência, mesmo com os "menos fiéis", continua a denunciar as mudanças inadmissíveis, seja entre os padres, às vezes desejosos de "modernismos", seja entre os próprios vocacionados. O lema outrora lançado por São Pio X é freqüentemente repetido: "Sê conseqüente contigo mesmo". Este apelo à sinceridade na responsabilidade impele alguns jovens à vida consagrada, como sacerdotes ou religiosos, partindo do desejo de reparar os desvios de pais e mães.

Vocações adultas e especiais

Na intenção de rebuscar o que há de mais específico, devo referir-me a algumas vocações de homens já encaminhados em outras carreiras. Eles solicitam o sacerdócio, após um preparo adequado. A admissão se dá na medida da seriedade do caso. São médicos, advogados, professores, funcionários, etc.

Na última semana, Sua Beatitude, nosso Venerável Patriarca Antônio Pedro Khoraiiche ordenava quatro candidatos. Logo após a cerimônia, um jovem universitário veio pedir sua admissão ao Seminário Maior,

acompanhado do irmão, já seminarista.

Colaboração e organização

A) A vida religiosa, próspera no Líbano, é um esteio em nossas Igrejas Orientais. Nosso clero secular colabora com o regular tendo em vista um apostolado cada vez melhor, na estima e na caridade recíprocas. Também nossa Assembléia de Patriarcas e Bispos Católicos admitiu em seu seio os superiores-gerais católicos e dois representantes de congregações religiosas não libanesas que trabalham em nosso país, demonstração de uma pastoral de conjunto segundo o espírito do Vaticano II.

B) Está em estudo um Centro Nacional de Vocação. Sem considerar iniciativas em nível de algumas dioceses, espera-se que um centro intercomunitário ou nacional seja criado, em esforço conjunto, para promover em todo o país um clima ainda mais favorável à vocação dos jovens.

O ideal da vocação sacerdotal e religiosa entre nós está ligado à própria vocação de toda a nossa Igreja. É uma Igreja com vocação peculiar, Igreja das origens de cristianismo, que nos une e une a Igreja Universal às fontes históricas e geográficas da Revelação. Apresenta-se igualmente com uma vocação particular de testemunho junto às religiões monoteístas orientais. A solidariedade da Igreja Universal com a do Oriente é uma fidelidade a si mesma, para desenvolvê-la e fa-

zê-la prosperar espiritualmente a serviço do Reino de Deus. É o ponto forte de nossa vocação geral que sustenta e alimenta as vocações particulares de nossos seminaristas e religiosos.

Conclusão

Comecei por expor, como que a contragosto, a situação atual do Líbano e sua guerra atroz. Para terminar quero dizer o quanto desejaríamos que esta crise, imposta de fora, tivesse fim com garantias regionais e internacionais, como o são as forças antagonistas. A Igreja, rejuvenescida e melhor conscientizada de seu testemunho cristão, prosseguirá em sua missão salvífica.

Estamos certos de que as pessoas de alma nobre que viveram tais fatos, como Sua Santidade João Paulo II, não podem confiar em uma tranquilidade piedosa.

“Que podemos fazer por vocês?” perguntareis. E respondo-vos urgentemente: além de vossas orações e de vossa simpatia, esperamos de vós um forte grito de alarma, um SOS em vossos respectivos países a todos os homens responsáveis e capazes. Dizei-lhes, como o fez Sua Santidade João Paulo II, Peregrino e Grande Artífice da Paz: “Salvem o Líbano!”

Possa o nosso amado Líbano, terra de vocação particular, tornar a ser a pátria da concórdia e da paz, para prosseguir em sua missão, e de novo fazer jus ao canto da Santa Bíblia: “Veni veni de Libano!”

razão de ser do Estado. Não coincide, mas o transcende. O bem visado pela Igreja é o bem integral, de todo o homem e de todos os homens, nas suas dimensões históricas e transcendentais, para ela, como instituição de salvação e de evangelização, indissoluvelmente associadas. O Estado pode ignorar a dimensão transcendente do bem, ou o sentido que se lhe atribua. A Igreja não. É essa não coincidência total quanto ao fim que comanda a diferença dos métodos, reconhecida pelo Sr. Ministro da Justiça.

Os métodos do Estado são os elaborados pela racionalidade das tecnocracias oficiais. Os métodos da Igreja consistem na insistência da explicitação das exigências também sociais da mensagem evangélica. Eles se resumem no empenho de desenvolver uma pastoral social, não apenas em favor dos pobres e dos oprimidos, mas a partir deles.

A racionalidade tecnocrática postula os métodos de outorga. A pastoral social é um método de participação. A outorga dosa as concessões em função das exigências do pragmatismo político e dos cronogramas oficiais. A pastoral social leva a questionar uma nacionalidade de cujos projetos e programas é excluída a participação do povo, agente e primeiro destinatário do próprio desenvolvimento.

A ambigüidade da fórmula ministerial vem assim se concentrar nessa indagação prévia: reconhece-se ou não à Igreja o direito e o dever de desenvolver uma pastoral social?

O termo para muitos parece soar como um absurdo. Pastoral evoca a idéia pastoril, de suaves pastores conduzindo mansas ovelhas, por prados ornados pelas flores das mais belas virtudes, especialmente da paciência, da resignação, do desprendimento, do altruísmo. Social conota a idéia de uma engenharia racional elaborando projetos, calculando índices, definindo metas. Para os que pensam assim, o social laiciza e profana a pastoral.

Entretanto, a indagação formulada acima foi vazada sobre um texto afirmativo e inequívoco de João Paulo II: "A Igreja reivindica como seu direito e dever a prática de uma pastoral social não na linha de um projeto puramente temporal, mas como formação e orientação das consciências, por seus próprios meios específicos, para que a sociedade se torne mais justa". (Discurso à CNBB, Fortaleza, 9 de julho.)

Aceitar essa orientação do Papa é o caminho para dissipar as ambigüidades quanto ao fim e quanto aos métodos.

Não aceitá-la conduziria a um perigoso desencontro entre a Igreja e o Estado no Brasil; porque a Igreja está disposta a seguir a orientação de João Paulo II, mesmo se, pela sua fidelidade ao Papa, ela se dê conta de que a passagem do João de Deus entre nós venha a significar para ela um Domingo de Ramos, que anuncia uma Semana da Paixão. É que, na sua experiência milenar, a Igreja sabe que as conjunturas políticas passam e ela fica, para continuar a anunciar, depois da Semana da Paixão, a certeza da Ressurreição.